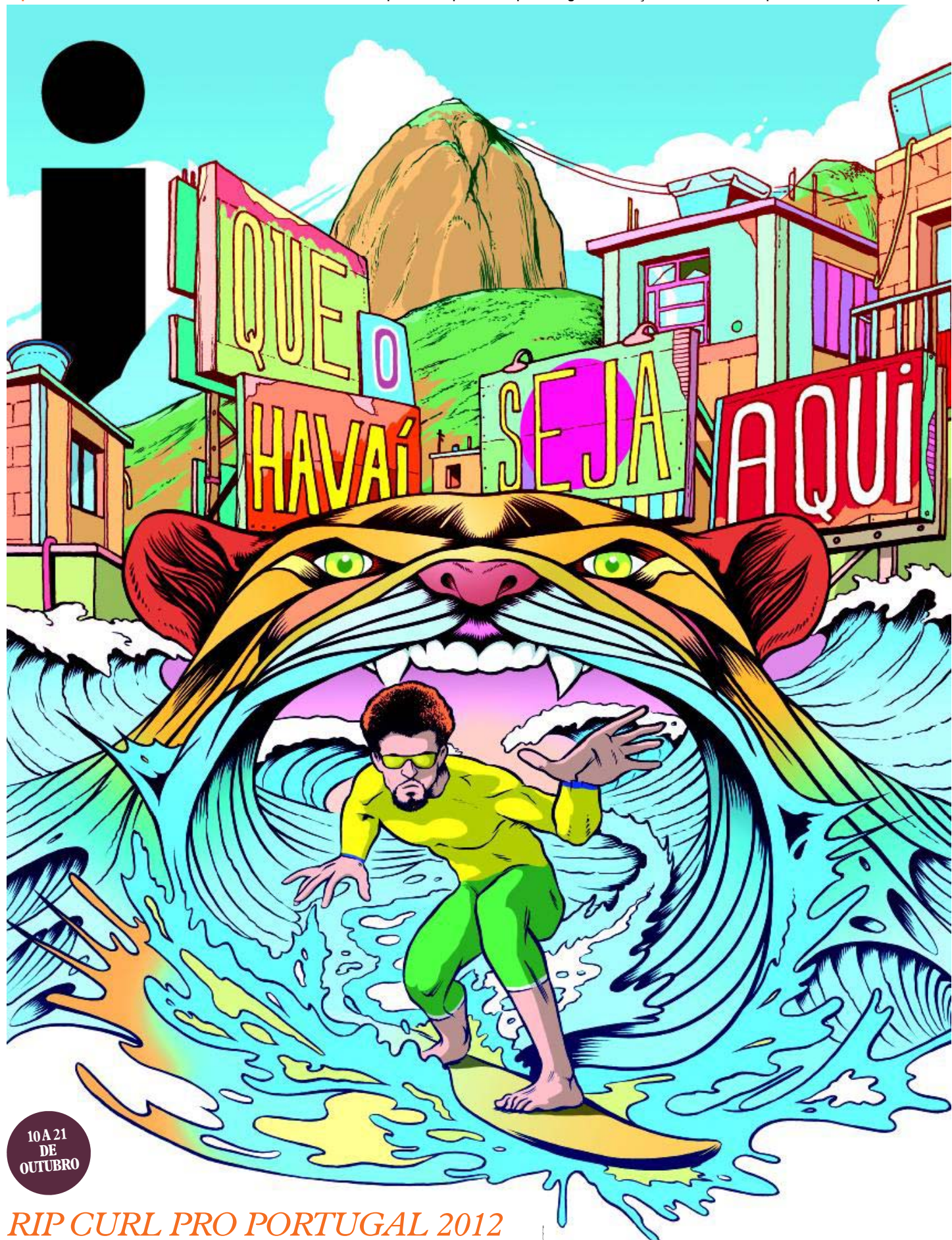




10 A 21
DE
OUTUBRO

RIP CURL PRO PORTUGAL 2012

As expectativas são elevadas para Supertubos após as ondas incríveis do ano passado. Saiba o que está em causa e conheça as principais figuras presentes na oitava prova do circuito mundial de surf. // Os brasileiros como potência emergente também no surf? // Veja a entrevista com Matt Wilkinson ou o surfista mais freak do circuito. // Tiago Pires explica-nos porque não conseguiu até agora tirar um bom resultado em Peniche e fala-nos da sua nova estratégia // E Peter Cole, a lenda viva do surf havaiano em Lisboa.

Com o apoio de



Bayer HealthCare

GAME

www.game.pt

O mar que nos fez povo

ÍNDICE

- 04 Crise da meia-idade. Quando o surf não sabe o que há-de fazer com ele mesmo
- 08 Entrevista a Adriano de Souza, campeão em título na praia de Supertubos. “O título mundial está próximo. Faltam detalhes”
- 10 Equipa verde e amarela. São sete no total e vieram para complicar a vida dos gringos
- 12 Visionários. De rapazes rebeldes a homens bem-sucedidos
- 14 Joel Parkinson. Será desta que o eterno vice vai ser campeão do mundo?
- 16 “When the going gets weird, Wilko turns pro”. Entrevista a Matt Wilkinson, o surfista que o ano passado surpreendeu a praia com um fato cheio de sardinhas.
- 19 Matt Biolos ou o melhor shaper do mundo para muita gente
- 22 Entrevista a Tiago Pires. “Tenho um bloqueio mental com Peniche”
- 24 Elite mundial. Resultados dos surfistas que vão estar em Peniche
- 26 Reportagem com Peter Cole, a lenda viva das ondas grandes – o texto mais improvável desta edição
- 28 Energias renováveis. Nem só o surf vive de boas ondas
- 30 Guia de Peniche. As nossas dicas para uns dias em grande



Eduardo Oliveira e Silva

Foi o mar que nos fez povo. Foi para ele que nos virámos. Foi por ele que navegámos e foi ele que deu uma dimensão planetária a Portugal. Mas foi também a ele que fomos buscar os traços culturais que mais nos identificam e nos distinguem dos outros povos e foi dele que arrancámos parte do nosso sustento, dos nossos rituais colectivos e da nossa excepcional gastronomia. Durante muito tempo, o mar foi tudo ou quase tudo, mas aos poucos deixou de o ser. Passámos a ser tristemente um país como os outros. Agora, em contexto de crise e necessidade de sobrevivência, voltou a olhar-se para o mar, mas desta vez como um novo valor: o de uma dádiva da natureza que nos permite ter uma oferta única na Europa e até no mundo, no surf e noutros desportos aquáticos e de lazer associados ao mar. Depois dos primeiros surfistas com o seu quê de romantismo, surgiram outros mais qualificados em todos os aspectos, que souberam potenciar recursos, desenvolver iniciativas, promover eventos de escala mundial, no continente e nas ilhas, mobilizando semanalmente milhares de praticantes, criando uma actividade com um potencial praticamente inigualável. É uma geração corajosa, visionária e culta, que teve a percepção de que para vingar nesta actividade é também essencial preservar o ambiente e educar uma população no sentido da preservação da natureza. O que mais impressiona é que, se hoje somos o que somos no surf e noutros desportos de mar, somo-lo por via da muita obstinação e carolice de uns poucos jovens e muito pouco por via dos apoios do Estado central. Segundo números da Protecção Civil, citados pela organização do campeonato, a

edição do ano passado contou com cerca de 120 mil pessoas na praia de Supertubos, durante os três dias da competição. Na hotelaria, as taxas de ocupação chegaram aos 75% e, de acordo com a Rip Curl Internacional, a página oficial na internet através da qual o campeonato foi transmitido em directo para todo o mundo, contou com 9,5 milhões de visualizações, 2,5 milhões visitas únicas.

Nesta actividade toda e na sua rota de sucesso tem sido relevantíssimo o Rip Curl Pro Portugal, na praia de Supertubos, com que Peniche nos brinda anualmente. E muito do que ali se passa resultou de ter surgido em Peniche um presidente de câmara, chamado António José Correia, que abraçou o surf, apostando fortemente no seu potencial e acreditando nos seus jovens dinamizadores.

Esse empenho e capacidade valeu-lhe o ano passado o prémio do “coolest mayor on tour”, cuja tradução para portugueses poderia ser qualquer coisa como o autarca mais bacano do circuito. Felizmente, graças aos que souberam explorar o potencial único que Portugal tem na Europa para o surf e os desportos de mar e de água em geral, desenvolveu-se uma actividade económica já muito relevante e na qual o nosso país tem vantagens comparativas únicas. Em poucas horas, viaja-se da Europa para cá e está-se no mar, no Norte, no Centro ou no Sul de um país singular e acolhedor.

Este ano a edição promete. Foi em Peniche que Andy Irons, campeão do Mundo em 2002, 2003, 2004, competiu pela última vez; mas também foi aqui que Adriano de Souza conquistou a sua terceira vitória no circuito mundial. Aliás, foram duas numa só, como ele explica mais adiante – uma pelo resultado em si, outra por ter vencido Kelly Slater. Mas também foi aqui que Slater, no circuito há 21 anos, deu, em 2010, o salto para o seu décimo título mundial. Agora caminha para o 12.º, o que leva à pergunta: mas afinal quando é que este americano da Florida se cansa? Tem sido também aqui em Peniche que Tiago Pires, o melhor surfista português e o único a ter lugar na elite mundial, tem sofrido para conseguir um bom resultado. Pode ser que este ano seja esse um dos marcos da prova.



Conselho de administração: Manuel Cruz (Presidente), Pedro Costa
Principal accionista: Detentores de mais de 10% do capital: Top Produções – Comunicação e Eventos Lda.

Director: Eduardo Oliveira e Silva
Directores-adjuntos: Ana Sá Lopes e Luís Rosa
Textos: Sara Sanz Pinto (coordenação) e Isabel Tavares
Redacção: Tagus Park,
Edifício Tecnologia 1 – Corpo 1, 2740-257 Oeiras – Portugal
Tel.: 210 434 000, Fax: 210 434 011, Email: ri@online.pt
Publicidade: Tel.: 210 434 079, Fax: 210 434 011, Email: comercial@online.pt
Assinaturas: Ricardo Gonçalves;
Tel.: 210 434 015
Propriedade/Editora: Sojormedia Capital, SA
Contribuinte: 508 707 730
Impressão: Sogapal, Estrada de São Marcos, 27, 2735-521 São Marcos, Cacém.
Distribuição: Vasp.
Registo ERC 125 624

www.edp.pt



i feel
good
energy



Em Nova Iorque, o objectivo foi “levar o desporto para a maior arena de media do mundo”

GARY HERSHORN/REUTERS

CRISE DA MEIA- IDADE. QUANDO O SURF NÃO SABE O QUE FAZER COM ELE MESMO

Passados 50 anos do tempo dos hippies surfistas, o desporto, nas palavras de Kelly Slater, não passa de “um projecto de marketing”

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

No começo eles só queriam fazer surf. Eram tidos como marginais, ratos de praia, gente que não queria trabalhar. Mas, ironicamente, sabiam de algo que as grandes marcas só há pouco tempo descobriram. Era o tempo dos hippies. Na altura, a Nike, a deusa grega da vitória, era fundada (1964) e dava pelo nome de Blue Ribbon Sports. Fabricava sapatilhas e ainda não era acusada de violar os direitos humanos em países do terceiro mundo. Vivíamos em plena Guerra Fria, a União Soviética ainda existia

e havia milhares de pessoas a morrer no conflito do Vietname. O presidente John Kennedy, a esperança para muitos norte-americanos, era assassinado em Dallas – curiosamente na mesma cidade em que Andy Irons, talvez o maior surfista havaiano e três vezes campeão do mundo, foi encontrado morto em Novembro de 2010.

Com as origens da Polinésia, é durante a década do Peace and Love que o surf começa a ganhar dimensão, principalmente no Havaí, na Austrália e na Califórnia. Desde então e até aos nossos dias, o desporto entrou na era da profissionalização e tornou-se um dos mais carismáticos do mundo moderno. Pelo caminho há histórias fascinantes e outras com fins trágicos.

No final da década de 80, Mark Occhilupo morre e ressuscita. Famoso, rico e deprimido, desapareceu de cena, embarcando num estilo de vida destrutivo de álcool e drogas. O ano passado, em entrevista ao *i*, confessou ter dentro dele uma certa atracção pelo abismo. Questionado sobre a sua vida durante esse período negro, Occhy responde: “Era muito simples. Dormia muito, comia junk-food e bebia cerveja. Era um estilo de vida depressivo. Via televisão, estava como um urso a hibernar durante um Inverno muito longo.” Contra muitos – havia pessoas que lhe diziam ‘oh, não, já alcançaste muitas coisas, e ainda por cima agora

estás em forma e não será muito bom para a tua imagem se não te conseguires requalificar” – o surfista australiano conseguiu apurar-se novamente para o circuito mundial. No primeiro ano ficou em segundo lugar do ranking, atrás de Kelly Slater, no seguinte, 1999, foi campeão do mundo. “Lembro-me dos dias em que estava deprimido e não aproveitava a vida. Agora levanto-me cedo, faço surf e tento aproveitar o meu tempo da melhor forma possível. Faço tudo com moderação porque, se beber muito, as coisas vão começar a desambar outra vez e vou acabar deprimido novamente.” Um Occhy de 46 anos e controlado.

Kelly Slater... O que dizer? É considerado por muitos o maior desportista de todos os tempos, já foi 11 vezes campeão do mundo (a primeira em 1992 e a última o ano passado) e vai lançado para o 12.º título.

ENFANT TERRIBLE Durante o reinado, ou ditadura de Slater, consoante a perspectiva, há um senhor, Neco Padaratz de seu nome, que merece a nossa atenção. Antes de Adriano de Souza ou Gabriel Medina, Neco era grande sensação e, se a equipa brasileira hoje em dia já não é tão discriminada pelos ‘kadhafis’ anglo-saxónicos, em grande parte a ele o deve. Neco não levava ‘desaforo para casa’, de jeito nenhum. E deu início a um processo – dada a actual

continua na página seguinte >>

Canespor®

MITO #4

SÓ OS ATLETAS APANHAM PÉ-DE-ATLETA.

No que toca ao pé-de-atleta, estamos todos em pé de igualdade. Apesar de não frequentarmos balneários e ginásios, todos podemos contrair a doença, já que os fungos são altamente contagiosos. O pé-de-atleta é a doença de pele mais comum a seguir ao acne e calcula-se que 70% das pessoas são infectadas ao longo da vida. Agora existe Canespor®, dos fabricantes de Canesten®, que acelera o tratamento do pé-de-atleta, apenas com uma aplicação diária. Nunca foi tão rápido correr com o pé-de-atleta. Mesmo para os que não correm.



Dos fabricantes de Canesten®

ACELERA O TRATAMENTO DO PÉ-DE-ATLETA.

Canesten® - Canesten contém cetoconazol. Indicações: Micoses interdigitais causadas por dermatófitos (pé-de-atleta). Contra-indicações: Hiper sensibilidade ao cetoconazol ou qualquer dos excipientes, em especial ao álcool cetostéarílico. Medicamento Não Sujeto a Receita Médica. Leia o folheto informativo. Em caso de dúvida ou persistência dos sintomas, consulte o médico ou farmacêutico.

Canespor® - Canespor creme, Canespor solução para pulverização cutânea. Contém Itraconazol. Tratamento tópico de micose interdigitais causadas por fungos (frieira pedum, frieira mansueta) e pitiríase versicolor. Contra-indicação em caso de hipersensibilidade ao itraconazol ou qualquer excipiente. Advertências: doentes com antecedentes de reações de hipersensibilidade a outros anti-fúngicos imidazólicos; o creme contém álcool cetostéarílico (pode causar reacções cutâneas locais, por exemplo, dermatite de contacto). Medicamentos Não Sujeto a Receita Médica. Leia o folheto informativo. Em caso de dúvida ou persistência dos sintomas, consulte o médico ou farmacêutico. Borel Portugal S.A., R. Quinta da Pedreira, 5, 2794-003 Cascais. NIF 500 043 256. L.PT.02.07.2013.0363.



Eis Kelly Slater há 20 anos, quando ganhou o seu primeiro campeonato do mundo

JONATHAN EXLEY/CONTOURPHOTOS

continuação da página anterior >>

posição dos brasileiros como potência emergente no surf e não só – que vários descrevem como karma colonial.

Estamos em 1997. Padaratz começa bem o ano e acaba a perna australiana em terceiro lugar no ranking do circuito mundial de qualificação. Numa sessão de fotografia falha um aéreo e lesiona-se no tornozelo. Volta para o Brasil com gesso, fica deprimido e, de acordo com um texto de Alexandre Morelli no blogue do surfista, dá nomes às suas muletas – a uma chamou de Dragão e à outra de Leão – e entretém-se a escrever “poesias bizarras” nas paredes do seu apartamento, onde tudo estava revirado. Passados quatro meses, Neco regressa à competição a precisar de oito grandes resultados nas últimas nove etapas. Conseguiu-os e no ano seguinte estava entre a elite mundial. Na altura ainda não havia transmissões em directo na net, mas como esta amou outras tantas.

Da era da (des)informação vem o talentoso Dane Reynolds, que, de forma consciente, decidiu, em 2011, retirar-se do mundo profissional. “Por isso aqui estou eu. Vinte e seis anos anos. Oficialmente fora do circuito. Desperdício de talento. Potencial deitado fora. Recusando-me a ter responsabilidades”, escreveu no seu blogue pouco tempo após a decisão ter sido conhecida. Entre os seus motivos estão as “mul-

tidões”, “impostores do twitter” e “os bloguistas de surf ou os locais cheios de ego”. “Além disso o surf não é apenas divertimento, é também um desporto. Uma indústria. E não podemos misturar negócios com prazer. [...] Alguns acham que a minha responsabilidade é competir. Vestir uma lycra e esmagar o meu rival. Gosto de competir. Mas será que acredito nisso o suficiente para lhe dedicar a melhor parte da minha vida? [...] Vou continuar a competir mas isso não me vai consumir.” Esteve agora na etapa de França e ficou em segundo lugar, atrás de Slater.

MONEY DOESN'T TALK, IT SWEARS No começo, quando estavam dentro de água, punham-se uns ao lado dos outros no pico e as ondas eram apanhadas à vez. Uma distribuição equitativa dos recursos, enquanto riam e falavam da vida. Uma espécie de filosofia de esquerda à prova de água. Estávamos na fase da inocência deste desporto, segundo a psicanálise freudiana, no momento da auto-preservação. Agora dão voltas ao pico, ofendem-se mutuamente e por vezes resolvem disputas à pancada. Bem-vindos à era do capitalismo, alicerçada em estratégias de marketing e propaganda em redes sociais.

“Uma fonte próxima da situação: a Nike vai comprar a Billabong por meia dúzia de tostões. Bob Hurley (ex-representan-

te da Billabong e fundador da marca Hurley, adquirida pela Nike) será quem ri por último”, escreveu recentemente Dane Reynolds (ou quem lhe gere a conta) no Twitter, lançando achas na fogueira. Claro que se o assunto dissesse respeito à marca que o patrocina, a Quiksilver, avaliada em 436 milhões de euros, ficaria provavelmente calado. É por situações destas que há quem defenda que as grandes marcas do surf devam ser apenas equipas e deixar de controlar a Associação de Surfing Professionals (ASP), que organiza o circuito mundial.

“O surf nunca vai chegar a esse nível [do basquetebol ou baseball]. É uma ‘armadilha’ estranha. Basicamente o surf é gerido pelos patrocinadores que têm um dever com a sua empresa que está à frente do surf ou de qualquer surfista. O surf nunca teve uma organização independente que o gerisse, é apenas um desporto gerido pelos patrocinadores e pelas marcas e por isso não passa de um projecto de marketing. Imagina a Nike, a Adidas, a Puma juntarem-se para gerir por exemplo uma associação de futebol ou a NBA. Não devia acontecer. Acho que o surf devia ser gerido por independentes e aí veríamos que tipo de desporto temos. Se era bom ou mau, realmente não me importa”, afirmou recentemente Kelly Slater numa entrevista.

ESQUIZOFRENIA E é nesta bipolaridade que estamos. Em 2011, a escolha de cidades como o Rio de Janeiro (que receberá o Campeonato do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016) ou Nova Iorque resultou de uma estratégia orientada para o lucro, mas põe em causa o que no meio é chamado “Dream Tour” (circuito de sonho, porque conta com os melhores surfistas do mundo nas melhores ondas do planeta).

Fazer campeonatos em ondas pequenas e praias urbanas está longe de aumentar a qualidade do surf mostrado aos espectadores, mas aproxima o desporto das pessoas e dos patrocinadores. “Não se vai para Nova Iorque para surfar ondas boas. Vai-se para chegar aos ricos e famosos”, escrevia a prestigiada “Surfer Magazine” o ano passado. E as grandes marcas de surf nem sequer defenderam a possibilidade de um bom espectáculo, algo que deveria ser o propósito máximo de um circuito mundial. Para o CEO da Quiksilver, Bob McKnight, o objectivo em Nova Iorque foi “levar o desporto à maior arena de *media* do mundo”.

A perturbação de personalidade existente no surf é transversal e afecta quase toda a comunidade. Os responsáveis pelas marcas querem mais lucros, mas não deixam as grandes multinacionais interessadas entrar no circuito nem cedem os direitos de transmissão a televisões generalistas, como na maioria dos desportos. Os atletas querem boas ondas mas também estão fartos de andar destruídos em locais remotos como o Taiti. Eles próprios têm vindo a transformar a sua imagem e hoje os rapazes – que até aos anos 90 tinham um ar cool e desligado – vestem-se quase como jogadores de futebol, segundo as últimas tendências urbanas, andam de iPhones e conduzem carros de primeira classe.

Entre 2001 e 2011 o número de surfistas no mundo passou, segundo a “Economist”, de 26 para 35 milhões. A crescente procura de ondas significa que os picos – que não são como campos de golfe, que se podem construir perante um aumento da procura – vão ficar cada vez mais superlotados. Entre as soluções num futuro distante podem estar o localismo agressivo, a criação de um sistema de quotas ou pagar um bilhete para surfar. A protecção do meio ambiente também sofre com esta dualidade: enquanto o marketing se esmera para transmitir imagens ecológicas, a maior parte dos materiais usados pelos surfistas são tóxicos para o planeta.

E há mais. “Parece que muitos comentadores são contratados porque são funcionários dos patrocinadores e podem usar t-shirts com a marca estampada enquanto estão no ar”, afirmou recentemente o antigo campeão mundial Shaun Tomson. O surf parece hoje uma festa privada, mas a viver cada vez mais das massas. Mais cedo ou mais tarde, os surfistas (sim, porque os protagonistas são eles) vão ter de optar. Porque as marcas, afectadas pela crise, já escolheram há muito o futuro do circuito. E vão fazer a vida negra aos outsiders que quiserem entrar.

NÃO É NORMAL.



MINI recomenda Castrol

Consumo: 3,8 l/100 km. Emissões de CO₂: 99 g/km.

Novo MINI ID. O MINI mais igual a ti - e mais diferente dos outros. Equipado com pintura metálica, jantes 16", AC automático, volante desportivo multifunções, cruise control, spoiler traseiro e computador de bordo. A partir daqui és tu o designer: escolhe entre as 6 cores diferentes para as faixas e capas de espelhos exclusivas MINI ID.

E o mais fora do normal é a mensalidade de 159€ já com equipamento e despesas.*

Desafia todas as normas. Vai já a um Concessionário MINI.

BE MINI.

MINI ID (1.6 90cv Diesel)	MINI Select
PVP	24.450€
Entrada Inicial	4.952€
Valor Final Garantido	14.421€
Duração/Km	36/50.000 km
Mensalidade	159€
TAEG	1,818%
TAN	0,852%
Montante Total Imputado ao Cliente	25.368,05€

* MINI ID (1.6 90cv Diesel). Condições válidas para Contratos MINI Select (36 meses / 50.000 km) e para os parâmetros apresentados. PVP apresentado inclui despesas de preparação, transporte e legislação em Portugal Continental. Vantagem contratual. Comissão de Abertura de Contrato de 215,25€, Comissão de Finalização de 215,25€, Comissão de Processamento de 1,54€, incluída no valor da mensalidade. Valores com IVA à taxa legal de 23%. Sujeito a aprovação pela BMW Renting (Portugal), Lda. Condições válidas nos Concessionários aderentes, sujeitos a alterações sem aviso prévio, para propostas aprovadas e viaturas matriculadas até 31.12.2012.

ADRIANO DE SOUZA. “O TÍTULO MUNDIAL ESTÁ PRÓXIMO. FALTAM DETALHES”

Como cantava Cazuza na década de 80, “o Brasil vai ensinar o mundo”. Quase 30 anos depois, e no que lhe compete, Mineirinho está a cumprir a profecia da estrela rock carioca

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

“Agora sou 45% português, 55% brasileiro”. Foi o que disse Adriano de Souza após a final arrepiante do ano passado (e sem wrestling, mas já lá vamos) contra Kelly Slater em Peniche. Com uma onda de 9,00 pontos, logo no início da bateria, o brasileiro pôs o careca em sentido com um total de 15,67 pontos, em 20 possíveis. O norte-americano apenas conseguiu 14,73 pontos. Mineirinho teve olho, aproveitou uma das melhores ondas e saiu do tubo a levantar os braços como quem pede aos juizes o melhor que têm para lhe dar.

Afrontado por Adriano, o surfista da Florida – que conta já com 11 títulos mundiais e está agora bem posicionado para mais um – entrou tarde na disputa e quando o fez conseguiu um 6,83. O brasileiro, lesionado do joelho, reagiu com um 6,67. O barulho dos colegas da equipa na praia já ultrapassava os decibéis permitidos pelos gringos, mas eles não queriam nem saber. A 11 minutos do fim, Kelly precisava de 8,85 para dar a volta ao resultado. Ainda apanhou uma onda boa, mas apenas lhe deram 7,90. O dia era de Mineirinho e a festa verde e amarela – que começava a aquecer.

“Foi sempre um sonho ganhar em Portugal. Todo o brasileiro se sente muito em casa em Portugal e eu senti muito que a torcida portuguesa estava a meu favor. Desde os quartos-de-final, quando passei contra o Michel Bourez, senti uma vibração muito boa do público e aquilo me alimentou bastante para seguir confiante no campeonato”, conta-nos Adriano via Skype, a partir de Florianópolis, onde vive. “Quando fiz a final com Slater, as condições estavam muito boas

para ele: o vento estava a favor e eu usei isso como uma força de vontade. Mais ou menos um confronto entre um inexperienced em ondas perfeitas e campeão em título com toda a força, que compete muito bem, principalmente nas ondas que estavam naquele dia em Peniche. Quando venci, para mim foi uma sensação... além de vencer o Kelly Slater numa final, eu venci outra barreira: as condições perfeitas para ele. Na verdade venci dois campeonatos num evento só”, recorda.

RIUALIDADE O dramatismo da final na pequena cidade que por uns dias deixa de exportar apenas sardinhas só pode ser exportado se explicarmos como surgiu a picardia entre Mineirinho e Slater, que conquistou no início do mês, em Hossegor, a 51.ª vitória no circuito mundial. Tudo começou em 2010, no evento de Porto Rico, poucos dias após a morte de Andy Irons num hotel em Dallas. “Quando estava a competir com Kelly, a gente estava nos minutos finais da bateria, eu estava vencendo e ele acabou por forçar-

No ano passado senti uma vibração muito boa do público e aquilo alimentou-o bastante durante o campeonato

Aos olhos das outras pessoas, Slater é um fenómeno mas Mineirinho conhece bem o outro lado do rei

me a fazer interferência, usando a experiência dele. Os juizes acabaram entendendo que foi uma interferência minha. E eu, tudo bem, já que foi uma decisão dos juizes. Mas não era uma interferência. Acabei por ficar em segundo na bateria, não avançando para os quartos-de-final”, conta Adriano. Na altura, para o careca se sagrar pela décima vez campeão do mundo bastava chegar às meias-finais e, à má fila, assim o fez.

Porém, não foi a interferência forçada que mais incomodou Mineirinho, mas sim “um depoimento para a internet”, dizendo que ele (Mineirinho) era “o único atleta do circuito mundial que fazia wrestling”. “E eu fiquei muito magoado com isso e depois tive um confronto com Taylor Knox, acabei vencendo e pegando o Kelly Slater à frente. A gente fez um outro confronto e ele acabou me vencendo de novo. Eu gostaria de ter vencido mas não consegui. E aí eu fiquei ainda com mais raiva [risos].”

O ano seguinte, 2011, começou em tensão, quando, no início da época em Bells Beach, na Austrália, Adriano – que na altura contava com duas vitórias entre a elite do surf mundial e nem sonhava o que ia acontecer em Supertubos – eliminou Slater nos quartos-de-final com 18,00 pontos contra os 11,24 do norte-americano. Meses depois, em Trestles, “eu estava na bateria e estava perdendo para o Taj Burrow e ele estava fazendo wrestling em cima de mim. Eu fazia movimentos na praia, de remar para o outside, para demonstrar que ele estava me seguindo, não estava deixando eu surfar. Achei uma coisa normal, porque faz parte do jogo, só que eu estava muito magoado com o depoimento do Kelly, dizendo que eu era o único! E eu estava ao lado do Taj com ele fazendo tudo isso comigo. Quando acabou a minha bateria eu ven-

ci. Consegui pegar uma onda e venci o Taj. E aí vem a bateria do Kelly a seguir. E eu falei para ele: ‘Você não me disse que eu era o único? Você não assistiu a essa bateria? Você viu o que o Taj fez comigo? Ai ele começou a me xingar. Eu fiquei nervoso e comecei a xingar ele também [risos]. Depois disso eu nunca mais falei com ele. No evento de Portugal foi a grande final e eu venci.”

Já a versão de Kelly é, como não podia deixar de ser, outra. “Não entendi nada. Ele esteve a gritar comigo durante um minuto”, reagiu mais tarde a raposa velha, num tom blasé. O calduço de luva branca no careca aconteceu pouco tempo depois, em cima do pódio em Supertubos, quando Adriano se ajoelhou aos pés de Slater. “O Kelly é o meu herói desde que ouvi falar em surf. Ele é uma lenda viva e competir contra ele a este nível é mais do que um sonho que se tornou realidade. É graças a ele, mais do que a qualquer outro surfista, que estou onde estou e devo-lhe muito”, disse, com a praia cheia. Slater, que por regra sabe como actuar e de espontâneo tem pouco, ficou desarmado com o gesto do atleta de 25 anos e a reacção nem pareceu sua. Falou pouco e foi vago na resposta. “O Kelly Slater joga muito bem com o

jogo. Aos olhos das outras pessoas ele é um fenómeno, é difícil conseguir enxergar esse outro lado, porque ele é um atleta que faz as coisas mas não demonstra”, explica Adriano, que, à semelhança do surfista da Califórnia, tem uma ambição do tamanho do planeta.

SUPER-HOMEM Determinado a tornar-se o primeiro campeão do mundo brasileiro, e porque sabe como a máquina funciona, Mineirinho viveu uns tempos na Califórnia. “Eu fui devido à exposição americana, porque todas as revistas mundiais vêm da América. Eu, aqui no Brasil, ficaria um pouco distante disso e para ser campeão mundial tenho de ser conhecido na América. E por isso decidi ir morar e ficar mais próximo deles e, quando comecei a perceber que não teria mais efeito continuar lá, acabei voltando para o Brasil – é aqui onde eu sou um ícone, um atleta reconhecido como deveria ser na América”, defende.

Para Julio Alder, ex-competidor carioca e colunista em revistas especializadas, Adriano “poderia facilmente oferecer palestras de auto-superação em grandes empresas”. Nas suas palavras, “é aquilo que Nietzsche teorizava como super-homem, o sujeito que se reinven-

ta para alcançar o que julga ser o seu destino. Lutero. Napoleão.”

“Ser campeão mundial não é um sonho ou uma coisa distante, sabe?”, diz-nos o surfista natural do Guarujá, São Paulo, e nascido numa família pobre. “O título mundial, nos últimos três anos, tem estado bem próximo de mim. Faltam pequenos detalhes para mim alcançar ele. Já fui líder do circuito, já pisei, já peguei nele, mas eu não consegui agarrar. Falta bem pouco. Em breve, se Deus quiser, eu vou conseguir limar todos os meus erros que eu sempre cometo duran-

Mineirinho viveu uns tempos na Califórnia para estar mais perto da imprensa norte-americana

Para se sagrar o primeiro campeão do mundo brasileiro, Adriano precisa de ajustar alguns detalhes em certas etapas

Adriano no centro do mundo em Peniche. No seu blogue descreve-se como “um cara superindeciso” e que ama futebol



OPINIÃO



O exótico é o novo preto

JULIO ALDER

QUANDO, EM 1989, o enigmático australiano Glen Winton venceu outro australiano, Rob Bain, na final do primeiro campeonato do circuito mundial de surf profissional em Portugal, a geografia dos líderes do ranking da ASP dividia-se entre norte-americanos e australianos, com eventuais investidas dos sul-africanos. Naquele mesmo ano, os brasileiros Fábio Gouveia, Flavio Padaratz e o tahitiano Vetea David mudaram isso e começaram um ataque sem precedentes aos top 16 – uma tarefa aparentemente impossível. Não que a ASP fosse um clube fechado, mas o preconceito, acompanhado da ignorância que reinava (e ainda reina) na imprensa internacional, não tinha fim. Com muita determinação, a legião estrangeira foi ganhando volume e aos poucos a parte de cima do ranking foi mudando as abreviações habituais, AUS e USA, para BRA, FRA, TAH, POR. Fábio e Flávio conseguiram entrar no selecto grupo dos dez primeiros surfistas do ranking mundial, ainda no início dos anos 90, mas foi em 2006 que um jovem de 17 anos mudaria de vez a dança das cadeiras da disputa do título mundial. Adriano de Souza chegou no circuito como uma bomba e até mesmo Kelly, hoje um dos seus arqui-rivais, o apontou como futuro campeão mundial. Em quase 40 anos a porta estava finalmente aberta para os estrangeiros. O facto de o Mineirinho se apresentar como ameaça contínua aos medalhões como Parkinson, Fanning ou Slater abriu de vez as possibilidades para surfistas como o francês Jeremy Flores, o tahitiano Michel Bourez, e mesmo o voo Saca, desrespeitar a hierarquia estabelecida e reverter a ordem. A novíssima geração de brasileiros que invadiu os top 32, Gabriel Medina, Alejo Muniz, Miguel Pupo e Jadson André, sem mencionar Felipe Toledo, 17 anos (que já se classificou para 2013 ainda metade do ano), já não teme mais os grandes nomes dos posters que tanto admiraram na parede; eles querem estar nas paredes dos australianos e norte-americanos para os próximos 40 anos. Aguardem agora o ataque da legião estrangeira completa. O exótico vai se tornar padrão na ASP. E os australianos e yankees que por tanto tempo dominaram o surf profissional vão perder o interesse no jogo e inventar um novo clube exclusivo – só para eles. *Ex-competidor carioca e colunista em revistas especializadas*

BRASILEIROS. SÃO SETE NO TOTAL EVIERAM PARA COMPLICAR A VIDA DOS GRINGOS

Ninguém melhor que Adriano de Souza para descrever quem são os atletas brasileiros no circuito mundial de surf. A turma da ordem e progresso pelo líder da equipa, segundo o ranking, em discurso directo

SARA SANZ PINTO sara.pinto@ionline.pt

“TUDO O QUE ELE FAZ VIRA REFERÊNCIA”



Gabriel Medina

Tem 19 anos e está há dois anos no circuito mundial

●●● “É um fenómeno. É o xodó (a maior das estrelas) do time brasileiro. Tudo o que ele faz numa etapa acaba virando uma estratégia, um ponto de referência. Todos os juizes, toda a organização, toda a estrutura do evento acaba visando o Gabriel como uma referência. E isso pode ser bom, por um lado, porque acaba por te ir alimentado e jogando para cima, como por vezes pode ser um tanto negativo, jogando você para baixo. Então basta o Gabriel, a partir de agora, saber lidar com essa pressão e usá-la sempre a favor. O Gabriel não tem nenhum ponto fraco. Ele é um atleta 100% e, devido a isso, ele já demonstrou ser muito forte no circuito mundial.”

“O CORPO DELE JÁ MOSTRA TUDO ISSO, SABE?”



Heitor Alves

Tem 30 anos e venceu em Trestles o True Innovation Award

●●● “É a força da nossa equipa. O corpo dele já mostra tudo isso, sabe? Ele usa muita força nas manobras, é um atleta super-radical e eu acredito que na equipa brasileira ele é o atleta que usa mais a força. Não é tão jovem e é por isso que ele demonstra isso para o nosso time (equipa). Eu acabo pegando muito dele essa força, essa garra nas baterias. Só que o Heitor tem praticamente o mesmo problema do Miguel [Pupo]. Ele acaba errando muito nas baterias, tem uma escolha de onda não tão boa, não é muito selectivo.”

“CONSEGUE ADAPTAR-SE A QUALQUER CONDIÇÃO”



Raoni Monteiro

Tem 30 anos e Cristiano Ronaldo é uma das suas inspirações

●●● “É o atleta mais velho, é o competidor mais experiente que a gente tem. Tem uma força mental muito grande em relação aos outros atletas. Ele consegue rapidamente adaptar-se a qualquer condição. Já passou por diversas gerações: pela do Andy Irons, Dean Morrison e agora a do Gabriel Medina. E o Raoni não se abateu em nenhuma delas. Ele segue batendo de frente em todas e está sobrevivendo até hoje. Então eu admiro muito o Raoni devido a essa constância mental que ele tem.”

“É UM ATLETA COM MUITO FUTURO”



Miguel Pupo

Tem 20 anos e disse ao i querer aprender francês para falar com as mulheres

●●● “O Miguel é um atleta muito jovem e tem um surf muito parecido com o do Gabriel. Não consigo ver nenhuma diferença entre os dois. Tem um nível de surf muito alto, só que o Miguel acaba errando com muita facilidade, enquanto o Gabriel não. O Gabriel usa o erro dos adversários para avançar, enquanto o Miguel não consegue esse ajuste. Ele acaba errando e aí os outros atletas acabam pegando essa vantagem. Mas o Miguel é um atleta com muito futuro. Tem as manobras aéreas no pé e falta pouco tempo para ele começar a vencer campeonatos.”

“NÃO TEM ESSE BALANÇO NO MEIO, SABE?”



Alejo Muniz

Tem 22 anos, nasceu na Argentina e vive no Sul do Brasil

●●● “Bom, como posso dizer? O Alejo é um atleta que não tem um balanço, ele não é um cara que é estável. Se o nível de competição dele está alto, ele não tem fim, ele vai subindo, subindo, subindo, até chegar ao título mundial. No ano passado, se existissem mais dez etapas, eu acreditaria que ele seria campeão mundial. Agora, como ele está em declínio, também não tem fim, ele vai indo para baixo. Não tem esse balanço no meio, sabe? O Alejo é um atleta muito bom, tem todas as armas para ser campeão mundial, só que tem esse defeito. Tanto pode ir muito para cima, como muito para baixo.”

“TEM UM SURF MUITO RADICAL E VERSÁTIL”



Jadson André

Tem 22 anos e venceu Slater em 2010 em Santa Catarina

●●● “O Jadson é um competidor top 10 do mundo. Ele demonstrou isso em 2010, quando venceu o Kelly Slater numa final. Ele é um atleta que tem muita atitude em ondas grandes mas acaba perdendo na competição. Ele não é um atleta que tem o jogo de cintura, não é atleta que tenha paciência e acaba perdendo por esses detalhes. Mas em termos de surf ele é um atleta completo, tem um surf muito radical, é muito versátil, tem uma flexibilidade que poucos têm e é por isso que eu nomeio-o como um atleta top 10. O seu nível de surf é muito alto, mas ele acaba cometendo sempre os mesmos erros. Gosto muito dele.”

LIGA
meo
PRO SURF
◀

OBRIGADO AOS MEO SURF FOLLOWERS



A **Liga MEO Pro Surf** chegou ao fim e está na hora de agradecer aos 126 fantásticos atletas que tornaram esta liga única e a todos os que nas praias, nos sofás, nos computadores e por todos os locais, seguiram e deram apoio à nossa liga. Maria Abecassis e Vasco Ribeiro estão de parabéns pela conquista do título de campeões nacionais, pela segunda ano consecutivo. Revê todas as etapas em exclusivo no MEO interativo (botão azul do teu comando) ou em meo.pt/surf.

meo

o comando é meu

OPINIÃO



Um mar de oportunidades

PEDRO ADÃO E SILVA

POR ESTES DIAS há um espectro a pairar sobre o país: recessão económica, desemprego galopante, empobrecimento, dívida imparável e confiança social e política a ruírem por todos os lados. Um quadro negro que ninguém sabe exactamente como reverter. Mas, como sempre, nem tudo está perdido.

Se por acaso estiver a ler este texto na praia, algures em Peniche, tem bons motivos para virar costas a este cenário sombrio e virar-se para as ondas que quebram à sua frente. No mar encontrará não apenas um horizonte aberto, de esperança, uma possibilidade sempre renovada de encontrar um Verão sem fim, feito de mergulhos e contemplações prolongadas, mas também uma oportunidade económica ainda por explorar plenamente e que tem no surf um aliado objectivo.

Uma das dificuldades estruturais que a economia portuguesa enfrenta é o seu carácter periférico. Um problema que não se resolveu, pelo contrário, intensificou-se com as sucessivas vagas de alargamento da União Europeia. Hoje os países com os quais competimos não só se encontram mais perto do centro, como têm vantagens comparativas que não seremos capazes de superar a curto prazo (à cabeça níveis de qualificações mais elevados). Ora, se pensarmos nos desportos de ondas e no surf em particular, o que tende a ser uma desvantagem não o é. No surf, a centralidade é uma vantagem comparativa. Os destinos que competem connosco são distantes (a Indonésia e as Maldivas, para citar dois exemplos).

Portugal é um destino de surf central para os europeus, que, além do mais, oferece um "produto" de grande qualidade e diversidade (no fundo, que incorpora valor, algo que temos dificuldade em fazer em muitas outras actividades, onde nos encontramos bloqueados pelo défice de qualificações). Na Europa não há outro país com tantos dias propícios à prática de surf e com uma oferta tão variada. O clima temperado e uma costa muito recortada, com exposições distintas aos ventos e às ondulações, criam condições óptimas. De ondas que exigem muita pericia, como as dos Supertubos, em Peniche, e dos Coxos, na Ericeira, até praias com fundos de areia, boas para a iniciação, como a Costa da Caparica, há de tudo um pouco. O surf pode bem ser uma alavanca de desenvolvimento, um pouco como o ski foi para os Pirenéus. Afinal, uma onda perfeita tem um potencial único: os chineses não serão capazes de a imitar e os alemães não poderão fazer melhor. Em Portugal temos um número infundável de ondas perfeitas para potenciar e para serem surfadas.

Professor no ISCTE-IUL e surfista

VISIONÁRIOS. DE RAPAZES REBELDES A HOMENS BEM-SUCEDIDOS

Para poderem passar mais tempo na praia não tiraram um curso superior. Mas sentem falta do espírito aventureiro do desporto

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

Quando a mãe o pôs a trabalhar numa seguradora, João Pedro Caldas viu rapidamente a vida a andar para trás. "Tinha 21, 22 anos, atendia telefones, preenchia formulários e dava assistência a pessoas que tinham tido acidentes, que estavam não sei onde e precisavam de um reboque." Na altura tinha começado a mergulhar e a fazer caça submarina e, passados três meses de escritório, chegou à conclusão que aquilo não era para ele.

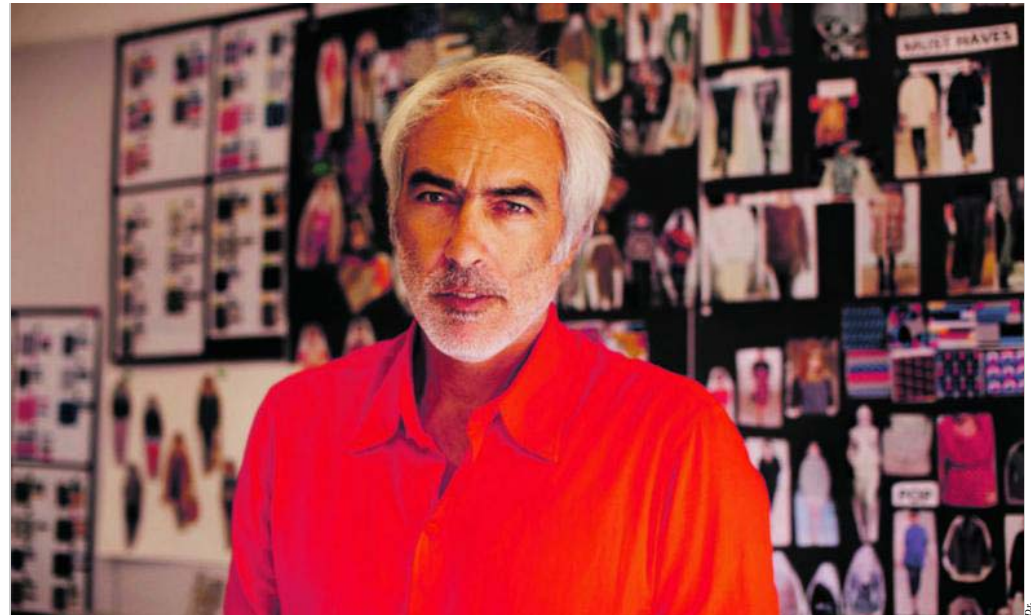
"Foi por influência de um amigo meu, pintor, o Tó Martinho, que comecei a ir aos percebees. Dizia-me que aquilo era muito violento e perigoso. Olhei para ele e para os outros com quem ele ia e pensei 'bom, se eles são mariscadores, aguentam e ganham a vida assim, eu também aguento'. Então vocês vão amanhã", perguntei-lhes, estávamos na 24 de Julho à noite". O encontro ficou marcado para o Bico da Messa, entre a Praia das Maças e as Azenhas do Mar. "Cegámos lá e comecei a ver percebees por todo o lado. E perguntei-lhes 'mas isto é tudo bom, é tudo para apañar? É isto que custa dois mil escudos (dez euros) o quilo?' Vi ali a minha forma de ganhar dinheiro num instante. E foi assim que comecei a apañar percebees, a vender, a ir aos restaurantes e ir à pesca a sítios onde eles não iam, porque o surf dá-nos uma destreza no mar diferente de uma pessoa que apenas é pescador."

João Pedro, agora com 44 anos, começou a surfar aos 11 e desde então nunca mais parou. "O meu pai vive no Rio de Janeiro, ia lá muitas vezes, e, como sabes,

no Brasil o surf está muito mais à frente do que cá. Quando cheguei a Copacabana comecei a ver uns tipos a fazerem surf, de calções, e disse logo ao meu pai que queria uma prancha", explica.

Do outro lado do Atlântico está Fred d'Orey, que após ter sido foi campeão brasileiro de surf, em 1987, já fez de tudo um pouco. Empresário com a agenda sempre lotada, não teve disponibilidade para nos dar a entrevista até ao fecho desta edição. Os motivos apresentados pelo carioca são válidos. "Estou num momento confuso, pois sou curador da mostra de filmes de surf do Festival de Cinema do Rio, além de todo o meu trabalho na Totem. Vou tentar mas não consigo te prometer", justificou-se via email. Filho de uma sueca que trabalhava com decoração e de pai brasileiro e piloto de Fórmula 1, o surfista nascido em 1962 já exportou produtos balineses, foi um dos atletas mais bem pagos do Brasil, fundou um jornal de surf e criou, há 18 anos, a marca de roupa Totem. Segundo uma entrevista que deu à revista "Trip", é responsável - sem nunca ter estudado Design de Moda ou qualquer coisa parecida - por toda a parte criativa, da aprovação dos desenhos da roupa à criação da newsletter, passando pela das músicas que estão nos podcasts no site da marca e

"Obcecado", João Pedro descobriu nas "fichas técnicas" a forma de ter dois negócios, um em Sintra e um no Algarve



"Não tenho saco pra fofocinha do mundo da moda, acho tudo um saco!", afirma Fred d'Orey

dos catálogos. Conta com duas fábricas (uma no Rio de Janeiro e outra em Bali) e dá emprego a cerca de 200 pessoas. Tem 11 lojas próprias, além de distribuir a marca por todo o Brasil e para o estrangeiro. Apesar de estar, por ossos do ofício, inserido na cena fashion, Fred é claro: "Não tenho saco para a fofocinha do mundo da moda, acho tudo um 'saco!'"

BOI-CAVALO Questionado sobre como os pais lidaram com o facto de ser um caso perdido na escola, João Pedro Caldas - também conhecido por Boi-Cavalo, por ser um dos mariscadores mais destemidos do país, segundo nos contaram colegas de profissão - afirma que foi horrível. "Passava os dias na praia. O surf é um vício e um vício perigoso porque tu vais fazendo surf, estás dentro de água e abstrais-te completamente de tudo, dos teus problemas diários - e isso é tipo droga."

Actualmente proprietário do restaurante "Azenhas do Mar", localizado onde

o próprio nome indica, e do "Monte da Vilarinha", uma casa de turismo rural no sudoeste algarvio, João Pedro explica que quando se mete nas coisas é de "corpo e alma". "Sou muito obcecado. É importante controlares o negócio e sabes delegar, mas para isso tens de saber como tudo funciona. Para que tudo corra ao seu agrado, descobriu nas "fichas técnicas" a solução ideal para dar conta do recado. "Não me interessa se o cozinheiro faz um bife melhor que o meu, aquele que eu quero que ele faça está na ficha técnica. Tenho fichas técnicas para tudo, até para limpar o chão. Acho que hoje em dia, para termos sucesso é preciso termos as coisas assim, programadas e bem organizadas." Neste momento dá emprego a 20 pessoas.

SURF FAST FOOD "Continuo a surfar todos os dias, ainda agora estou à espera de uns amigos para irmos surfar ao fim da tarde", conta-nos pelo telefone Henrique

Balsemão, fundador da revista "SurfPortugal" (que celebrou recentemente os 25 anos de existência) e do programa Portugal Radical (1992). Quando acabou o 12.º ano decidiu ir trabalhar em vez de ir para a universidade e a escolha não foi bem aceite pela família. "Só passados cinco ou seis anos, quando começaram a ver as coisas a acontecer é que começaram a acreditar. De início todos achavam que era sempre mais uma desculpa para ir para a praia, e acabava por ser, porque eu no fundo queria era passar o máximo de tempo possível a surfar. Quando ia para o Havai, durante seis semanas [fazer a cobertura dos campeonatos para a revista], acabava por lá estar grande parte do tempo a trabalhar mas as pessoas não acreditavam muito nisso", recorda.

Responsável pelo desenvolvimento do desporto em Portugal, Henrique, agora com 44 anos e pai de três filhos, lamenta que o surf já não seja tão "aventureiro e explorador como era antigamente".

"Está tudo muito facilitado, gostam é de estar com o carro estacionado em frente à praia a filmar para a namorada ver... Tenho aqui picos onde surfo todo o ano quase sozinho porque tenho de andar um bocadinho a pé ou descer montanhas e andar por caminhos de pescadores. Mas fico um bocadinho triste porque o pessoal, hoje em dia já não tem esse espírito. O surf transformou-se numa coisa um bocadinho fast food", critica.

Questionado sobre se foi um visionário, Henrique recusa-se a falar de si próprio, mas responde: "O meu lema foi sempre andar para a frente e não dar importância ao que as pessoas diziam, se não nunca teria feito nada da minha vida. Quando vim para a Carrapateira, há 15 anos, também diziam que eu vinha para o meio do mato e hoje em dia isto está muito diferente." Na herdade de turismo rural onde também vive, o Monte Velho, organiza retiros de surf e ioga e outras actividades.



Parko é conhecido pelo estilo de surf descontraído, elegante e poderoso

KELLY CESTARI/ASP

JOEL PARKINSON. SERÁ DESTA QUE O ETERNO VICE VAI SER CAMPEÃO DO MUNDO?

O amigo Mick Fanning, que em 2009 roubou-lhe o título, ultrapassou-o no ranking na etapa de França. O ano passado foi Slater quem lhe deu a volta

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

O primeiro lugar no ranking é uma posição que Joel Parkinson conhece bem. Mas manter-se lá até ao final do ano ou reconquistá-la nas últimas etapas é algo que o assombra desde 2002 – quando Andy Irons lhe roubou o título. O surfista havaiano repetiu a proeza passados dois anos, e Parko, há onze no circuito mundial, está cansado de ser o eterno vice. “Mal posso esperar por Portugal. Seria muito bom alcançar uma vitória numa altura em que a corrida ao título mundial está a chegar ao fim. Se as ondas estiverem parecidas com as que estiveram em França, vai ser outro grande

evento”, afirmou Joel, de 31 anos, a semana passada, após a etapa francesa, disputada em Hossegor.

Nascido e criado na Gold Coast, Austrália, Parko começou a surfar por influência do pai. Casou com Monica, a sua paixão do liceu, com quem já tem três filhos. Segundo Mick Fanning, amigo de infância e líder do ranking antes da prova gaulesa, Joel é “um tipo engraçado, que surfa mesmo, mesmo bem”. Conheceram-se na escola e baldavam-se às aulas para surfar e beber batidos de banana no bar da praia. “Demo-nos logo bem. Era um miúdo cool e amigável”, acrescentou Fanning em entrevista à ESPN.

Sentimentos à parte, foi Mick, ou Eugene para os mais próximos, que, em 2009,

lhe roubou o título. Três anos mais tarde, e após uma fase não tão boa em termos competitivos, está novamente em posição para o voltar a fazer – ocupa o 3.º lugar no ranking. No entanto, e para que isso aconteça, terá de fazer frente a Kelly Slater, que, o ano passado, empurrou Parko para baixo na tabela. Ao lado de Joel na saga do eterno vice está o contrarrêneo Taj Burrow, actualmente em 5.º lugar na elite mundial. O percurso de ambos pode ser comparado com o de Cheyne Horan, também australiano, que passou grande parte da sua carreira competitiva na sombra de Mark Richards (quatro vezes campeão do mundo).

“O Mick manteve-se no primeiro lugar durante a maior parte da temporada, mas tem sido um circuito tão renhido que tudo pode acontecer de etapa para etapa”, disse Parkinson antes do início da prova nos Supertubos. “Este ano fiquei três vezes em segundo lugar (no Brasil, no Taiti e em Trestles), por isso estou concentrado em ganhar em Portugal. É uma onda fantástica e estou muito entusiasmado em voltar a Peniche.”

Já Kelly Slater vê o 12.º título cada vez mais próximo após duas vitórias consecutivas. “Quando se começa a olhar um bocadinho para os números, eu já tenho dois resultados maus: 500 pontos e um 13.º lugar”, disse. “O Parko tem um nono e um quinto lugar. Se não o tivesse conseguido ultrapassar em França, teria posto muita pressão sobre mim, mas com isto [a vitória no Quiksilver Pro France] a pressão está de novo no Mick, porque o Parko, o John John (Florence) e eu estivemos bem nas primeiras etapas da Europa”, acrescentou.



FONTE: REVISTA HARDCORE

NOVA STRADA ADVENTURE

EDIÇÃO ILIMITADA



WWW.DAKARDESERTCHALLENGE.COM

[f FACEBOOK.COM/FIATSTRADAPORTUGAL](https://www.facebook.com/FIATSTRADAPORTUGAL)

NOVASTRADA.COM.PT



PROFESSIONAL

MATT WILKINSON. “WHEN THE GOING GETS WEIRD, WILKO TURNS PRO”

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@online.pt

Sau de dentro de água a cuspir fogo. Durante a bateria nos Açores foi-lhe assinalada uma interferência e Matt Wilkinson acha que a decisão foi injusta. Pode para falar com o chefe do júri e, enquanto o responsável não vem, pausa a prancha no chão, não à bruta, mas em tensão. Num tom alto e visivelmente irritado argumenta a sua versão; em seguida, o chefe de júri responde forma não muito segura e com cara de quem quer tudo menos confronto. Mas Matt não está para brincadeiras, insiste que tem razão e pede-lhe o regulamento. Lê alto as alíneas respectivas à interferência e, segundo nos contou, provou ao responsável que tinham cometido um erro.

A decisão é irreversível e Wilko atira o regulamento para as rochas. “Se não seguem as regras não precisam disto para nada!”, justifica. O momento é o pior para falarmos com ele, mas a oportunidade é esta e mais nenhuma. Depois de perder, o mais provável é apanhar o próximo avião para a Califórnia, onde decorrerá a 6.ª etapa do circuito mundial de surf, de 16 a 22 de Setembro.

Dada a fúria do surfista australiano, decidimos primeiro sondar o amigo que está com ele, Jay Thompson, para saber se Matt nos dará uma entrevista após a derrota. “É melhor não, ele está mesmo chateado. Se lá forem agora, ele não vos vai dar a entrevista”, afirma. Esbaforido, assim que a conversa com o chefe de júris acaba, Wilko arranca para o parque de estacionamento e a probabilidade de nos fugir é grande. Com receio de que a coisa corra mal, mantemo-nos na retaguarda, a controlar o bicho. Passados poucos minutos abordamo-lo. “Vimos em paz.” Matt ri-se, mas volta de imediato à expressão de raiva. “Agora não quero falar. Estou danado”, responde. “Sabemos que sim, mas apesar disso precisamos de te entrevistar”, insistimos. “Sim, mas agora não quero. Viste o que me fizeram?” A deixa está lançada e o australiano precisa de descarregar. Começamos a falar sobre a interferência e, passados alguns minutos, Wilko já se ri e diz estar pronto para falar.

Nascestes e crescestes na Austrália.

Sim, nasci em Sydney e cresci a uma hora a norte da capital, na Costa Central, e há poucos meses mudei-me de novo para Sydney. É muito mais perto do aeroporto e isso facilita-me a vida. Cresci numa cidade pequena, Copacabana, e todos os meus amigos de lá agora trabalham. Em Sydney tenho muito mais amigos e assim, quando estou em casa, em vez de ficar aborrecido por não ter nada para fazer nem ninguém com quem estar, tenho muito mais coisas para fazer.

Tens mais irmãos. O que fazem os teus pais?

Sou o filho mais novo e tenho dois irmãos e duas irmãs. A minha mãe não faz nada, o meu pai trabalha nas mudanças e sem-

participava em corridas de bicicleta quando tinha sete anos, mas o meu irmão mais velho é que venceu sete títulos nacionais em motocrosse. Mas depois, quando os meus pais se mudaram para a costa, nunca mais voltei a andar de bicicleta.

Correr o circuito mundial implica não parares quase em casa. Gostas dessa vida ou comesças a ficar farto?

Adoro, não tenho assim nada de que sinto falta em casa e viajar é divertido. Às vezes, se estiver há muito tempo fora, posso ter saudades de casa. Mas em geral sinto-me bem porque sei que a minha casa, o sítio onde pertença, vai lá estar para sempre e eu não vou poder ter esta vida para sempre. Por isso sinto-me feliz

por poder estar sempre a viajar, conhecer todos estes sítios e divertir-me sempre que posso. Quero ser surfista profissional muito mais tempo. Ainda sou muito novo, tenho 23 anos. Talvez quando quiser ter filhos pense em parar. Neste momento estou feliz a fazer o que faço e neste momento penso que quero continuar a fazê-lo o mais tempo possível, ganhar o máximo de dinheiro enquanto me divirto a

trabalhar e, quando tudo isto acabar, abrir um novo capítulo.

Já sabes o que vais fazer quando essa altura chegar?

Não sei. Tenho milhões de planos, mas nenhum deles me parece de facto realista [risos]. Tudo o que vejo, digo 'yeah, eu quero fazer aquilo', 'quero comprar um daqueles', 'começar aquele negócio', mas acho que estas coisas não passam de pensamentos.

Saíste da água furioso. O que se passou para quem não viu ou apenas assistiu à tua reacção dentro de água?

Bem, as regras sobre as interferências que li no livro das regras apenas dizem que a pessoa no lado errado do pico é que recebe a interferência. Quando arrancámos na onda, a esquerda não era tão boa como a direita, mas eu estava no lado

O ano passado contagiou Peniche com a sua boa disposição e o jeito meio freak. O i agarrou – e o termo é literalmente este – o surfista australiano e esteve à conversa com ele nos Açores

certo do pico e por isso pensei que estava a agir correctamente, mas os juizes... não. Depois, quando sai da água, fui ter com eles e eles concordaram com o que estava a dizer, e que estava no livro das regras, mas depois apresentaram-me outra razão e, como não a encontrei no livro das regras, atirei o livro das regras para as rochas [risos]. Se nem eles seguem as regras, então não é preciso livro de regras nenhum.

Mas chegaste mesmo a ser mal-educado dentro de água.

Sim... porque conheço as regras.

Sempre que perdes ficas assim?

Não, é raro. Sou uma pessoa bastante calma. O surf é um desporto muito incoerente, onde perdemos mais vezes do que ganhamos. No meu interior fico a maior parte das vezes zangado, mas não faz sentido gritar ou partir as pranchas, que normalmente são as nossas preferidas. É estúpido as pessoas começarem aos murros à pranchas. Quando perco costumeiro para casa uma hora ou duas, fico lá sozinho a pensar e depois vou ter com os meus amigos e tento fazer coisas que me façam feliz.

Tais como?

Não sei, tudo. Depois de perder gosto de comer no McDonald's, beber umas cervejas, sair com os outros surfistas que perderam [risos] e encontrar qualquer coisa divertida para fazer – uma festa para ir, umas miúdas com quem falar...

Quem teve essa ideia dos fatos? O ano passado em Peniche trazias um cheiro de sardinhas.

A ideia foi minha. Fiquei muito entusiasmado no início do ano passado quando assinei um novo contrato com a Rip Curl. E eles perguntaram-me o que queria fazer, que ideias tinha para desenvolver a minha imagem, e pensei que seria divertido ter fatos que parecem que trazemos calças de ganga de cintura subida ou uma canadiana, coisas engraçadas. Então tivemos a ideia de fazer um fato com um tema para cada país onde ia competir. E assim começámos na África do Sul, com um fato estampado de leopardo, que parecia uma coisa meio doida, e depois continuámos. Em Peniche tivemos sardinhas, em França maminhas...

[continua na página seguinte >>](#)



Wilko contou-nos que nos Açores teve de ir comprar amaciador para o cabelo porque já não se conseguia pentear



Se em Peniche foram sardinhas, para a Califórnia o dress code foi tie dye psicadélico

World Spoon

continuação da página anterior >>

Há uma foto do Keith Richards com uma camisa de leopardo e acho que lhe fica a matar.

Sim, quando era miúdo sempre pensei em ter fatos personalizados com tudo e mais alguma coisa que me viesse à cabeça e agora que cresci continuo a querer isso [risos]. E os miúdos também ficam entusiasmados com esta ideia... Dá-me imenso prazer fazer isto e acho que é bom para a minha imagem.

Pareces uma pessoa bastante criativa na forma como te vestes e te comportas. Mas tens a certeza que essa imagem de que falas não é só uma estratégia de marketing pessoal?

Acho que fui sempre assim. Não sou de andar propriamente na moda, mas também nunca fui de usar coisas normais. Adoro festas de máscaras e vestir-me como um idiota [risos]. Eu e o meu grupo de amigos temos a mania de nos mascarar mesmo que não seja para irmos a uma festa de máscaras. Começamos a beber num sítio qualquer, depois encontramos qualquer coisa engraçada para vestir numa loja de roupa em segunda mão e tudo se torna mais divertido do que teria sido se fôssemos vestidos normalmente.

Compras muita roupa em lojas de segunda mão?

Sim. Compro roupas antigas e coisas engraçadas. Já mostrei à Rip Curl algumas coisas que comprei e fizeram algumas cópias ou coisas semelhantes a partir dessas peças.

O que fazes além do surf para te manteres em forma?

Faço alguns treinos físicos, mas não com

a frequência com que devia. Não sei, fazemos tantos campeonatos que é difícil mantermos uma rotina e se eu fizer uma grande sessão de treino físico e mais surf, numa altura destas em que há campeonatos atrás de campeonatos durante os próximos quatro meses, entro em fadiga. Mas treinar é bom, acho eu, para não ficarmos gordos e flácidos.

O que achas de Peniche? O ano passado as ondas estavam muito boas.

Supertubos é uma onda incrível. Se houver swell, temos tubos perfeitos para a esquerda e a direita. Fica mesmo na areia, podes fazer um 10 e um minuto depois estar lá atrás outra vez e fazer outro 10. É uma onda muito divertida de surfar, perfeita para um campeonato se os bancos de areia e a ondulação estiverem nas condições ideais.

O presidente da câmara gosta muito de ti. Existem fotos de vocês os dois dentro do sardinha mobile. Como é que se conheceram?

Na noite em que o conheci estava a fazer uma acção de publicidade para a Rip Curl e havia um clipe do meu blogue bastante inapropriado a ser exibido num grande ecrã.

Que imagens estavam a passar?

[Risos] Umhas cenas muito estranhas. Vai ao blogue e dá uma olhadela. É um de França, no ano passado, tem umas mamãs e outras coisas muito impróprias. Tinha acabado de conhecer o presidente e ele estava lá a ver. Só pensei, "oh não, ele vai detestar-me". Mas depois disse-me que tinha achado o clipe engraçado, o que foi porreiro da parte dele. Mais tarde apareci com o fato das sardinhas e ele adorou. Também me deu aquelas sardi-

nhas em cerâmica. É bom haver um autarca local a abraçar o surf da forma como ele o faz, é bom para o desporto e também para Peniche.

Quais são os teus locais favoritos no circuito mundial?

Acho que gosto de todos os locais por razões diferentes. A Gold Coast porque é em casa, Bells porque lá vou desde que tenho 10 anos para ver os campeonatos e agora é bom participar neles, Teahupoo porque é a melhor onda do mundo...

Por falar nisso, como foi este ano no Taiti? O que se faz lá quando não há ondas?

Foi horrível. Jogámos pingue-pongue e comemos atum, frutas frescas e baguetes. Mas o ano passado foi incrível.

A cicatriz que tens nas costas é de lá?

Não, isso foi na Indonésia há muito tempo. Mas do ano passado do Taiti tenho uma cicatriz gigante na perna esquerda e no cotovelo. Fui esmagado [por uma onda] mas também fiz alguns dos melho-

res tubos da minha vida.

Lembro-me de algumas fotos, parecia que vinhas da guerra...

Sim, isso foi engraçado, no voo de regresso aos Estados Unidos depois de Teahupoo estava eu, o Jordi Smith, o Travis Logie e o Dusty Payne, acho. O Jordi tinha costelas partidas, o Travis não conseguia andar, eu tinha ligaduras na perna e o Dusty tinha pontos e arranhões. Quando as pessoas nos viram parecia que estávamos a regressar da guerra. Mas estávamos todos muito contentes por termos apanhado aquelas ondas.

O que significa essa tatuagem que tens no pulso? (Tem DTF gravado a preto na pele e o significado, segundo duas ocasiões diferentes, é "Down To Fuck" ou "Don't Talk French")

[Risos] Nada. Tenho quatro. São todas muito estúpidas. Nenhuma delas significa nada coisa de especial.

Estás arrependido de as ter feito?

Não. [Risos.] São todas engraçadas e estúpidas, mas não me arrependo de as ter feito.

Que música ouves?

Não sei. Gosto de vários géneros.

E quando perdes uma bateria?

Kings of Leon, às vezes oiço rap, outras o que quer que esteja a passar na rádio. Depende. Nunca fui fã de reggae.

When the going gets weird, Wilko turns pro?

Sim [Risos]. Acho que há algumas coisas estranhas a passarem-se à minha volta. Mas não sei, talvez transmita uma vibração mais estranha do que aquilo que sou. Mas é uma boa ferramenta para sair de algumas situações. Ou entrar nelas.

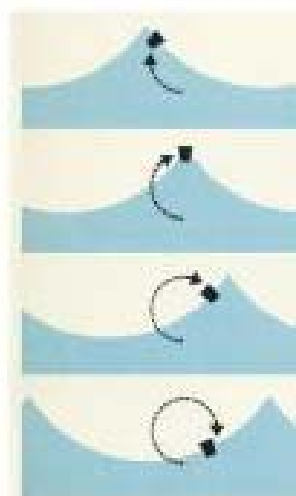
"Tenho quatro tatuagens. São todas estúpidas. Nenhuma delas significa nada de especial"

"Seria divertido ter fatos que parecem que trazemos calças de ganga de cintura subida ou uma canadiana"

[illegible]

NIXON

THE SUPERTITE
TEAM HERDED CUSTOM BUILT TIGER ENGINEER



Language Proficiency

Copyright © 2006 by John Wiley & Sons, Inc.





Também conhecido por Mayhem é ainda um talentoso artista

D. R.

MATT BIOLOS. “ESTOU PRÓXIMO DOS SURFISTAS E SOU UM OPORTUNISTA”

Considerado actualmente o melhor ‘shaper’ do mundo, o californiano vai directo ao assunto e não se perde em devaneios

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@online.pt

Que Matt Biolos não tem papas na língua, toda a gente sabe. Agora que o ‘shaper’ norte-americano – considerado por muitos o melhor do mundo – responde prontamente a emails, seja cumpridor com datas e, a melhor de todas, a de Bob Dylan, foram agradáveis surpresas. Confrontado com o facto de ser o supra-sumo da arte das pranchas, Matt afasta-se desse rótulo, tal como o autor da música “Like a Rolling Stone” fugia de termos como “profeta” ou “porta-voz de uma geração”. “É muito ‘hype’”. Sei que não

sou ‘o melhor’ pelo simples facto de que não existe ‘o melhor pintor’ ou ‘o melhor escultor’. Não é quantificável. Tenho a sorte de viver perto de uma onda que todos os melhores surfistas surfam e isso dá-me proximidade com eles. Tiro proveito disso. Sou um oportunista.” Toma lá, vai buscar – é caso para dizer.

Depois de ter andado recentemente a circular nas redes sociais uma crítica sua aos surfistas norte-americanos, Biolos, conhecido por ser temperamental e por vezes agressivo, recuou, admitindo ter exagerado. “A maioria dos melhores surfistas do mundo são australianos ou americanos (incluindo o Havai como América, é claro). À excepção do Kolohe Andino, que, o ano passado, venceu cinco provas do circuito mundial de qualificação e entrou para o circuito mundial com 17 anos, a maioria dos jovens americanos está a esforçar-se. Penso que a principal diferença entre eles e os brasileiros é que os primeiros não precisam de ganhar para ser pagos. Têm bons contratos apenas porque são bons surfistas. Não estão tão famintos quanto poderiam estar.”

Em Setembro lançou a polémica quando comentou na sua conta de Twitter:

“Talvez esteja na altura de os jovens profissionais dos Estados Unidos fecharem as suas contas no Instagram, suspenderem os seus blogues, pararem de fazer webisodes e perseguir miúdas e ir a festas... Calem a matraca e comecem a ganhar alguns eventos (vocês, rapazes, sabem de quem eu estou a falar!) [...] Ou partem a loiça ou saem do comboio. Está na altura de ficarem fofinhos ou arranjam outro emprego porque estes brasileiros estão-se a cagar. Eles vão comer-vos ao jantar. Vão levar o vosso dinheiro... e as vossas miúdas.”

Para Biolos, também surfista, para ser um bom shaper “é preciso saber aceitar os erros”. “O trabalho duro e consistente vai bater o talento cru a longo prazo”, foi a maior lição que aprendeu. Criou a sua empresa, a “Lost Surfboards” “com 500 dólares e um sonho” e diz que nada foi muito difícil até se tornar grande. Quando se chega a esse ponto, “os erros podem ter repercussões mais graves do que imaginamos e o que em tempos era realmente bom pode tornar-se rapidamente uma porcaria”. “Penso que é difícil quando as coisas vão diariamente para além do nosso controlo e é preciso depender de outras pessoas para fazermos as coisas. Tenho dificuldade em fazer isso. Quase perdemos toda a nossa linha de roupa porque eu não prestei a devida atenção aos detalhes do dia-a-dia.” Questionado sobre se a crise económica tem afectado o negócio, diz que as contas da empresa estão de boa saúde e sente estar no caminho certo.

No que diz respeito a Bob Dylan, o californiano tem-no em alta conta e isso – perdendo-nos os que não apreciam o estilo nem os agudos da harmonica – só o fez subir na nossa consideração. “Dou-lhe tanto crédito porque antes dele ninguém tinha escrito música pop como ele o fez. Atacou a questão de uma forma artística e usou o seu poder e popularidade para fazer as pessoas pensarem fora da caixa. Depois dele, todas as bandas, dos Beatles aos Stones, abordaram a composição das músicas de forma diferente”, justifica.

“Tudo mudou depois de Bob Dylan” era para ser o título deste texto mas o carácter desportivo desta edição especial falou mais alto e decidimos exercer alguma autocensura.

PUB



Desde
49€/dia

Venha experimentar os melhores modelos!

Aluguer de viaturas descaipotáveis
até 15 de novembro de 2012

Utilize o código de desconto AWD 0357801
Reserve em:
800 20 10 02 • avis.com.pt

AVIS

We try
harder.

Jornal

PASSATEMPO

58 SURF/JORNAL I

GANHE



ASSINADA
1 PRANCHA DE SURF
DO JOEL PARKINSON
LIGUE » 760 30 21 29 **

** ASSINADA NÚMERO 11000 LAMINA DA PRANCHA 15'40"X24"X3"4" DE JOEL PARKINSON

1 FATO DE SURF
DA BILLABONG
LIGUE » 760 30 21 28 *

* ASSINADA NÚMERO 500 LAMINA DO FATO DE SURF BILLABONG

58
surf

PRATA DO GATEAL - PENEQUE

CUSTO DE CRIANÇA 0,60€+IVA. AO PARTICIPAR ACEITA AS CONDIÇÕES DO REGULAMENTO DISPONÍVEL EM WWW.TONLIME.PT
PARA ESCLARECIMENTOS E/OU ENVIO DE PRÉMIOS POR CTT CONTACTE [PASSATEMPO@TONLIME.PT](mailto:passatempop@tonlime.pt)



TIAGO PIRES. “TENHO UM BLOQUEIO MENTAL COM PENICHE”

Saca, ou a nossa selecção no circuito mundial, quer fazer este ano algo que nunca conseguiu. Divertir-se em Supertubos e passar um bom momento. E talvez seja essa a melhor forma de tirar um resultado que dê ânimo à malta

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@ionline.pt

O que é que a tua intuição te diz quando pensas em Peniche? “Não sei, não consigo responder. Mas uma coisa é certa, estou muito preparado para um mau resultado. E se acontecer não vou sofrer muito mais com isso.” Estamos na Ericeira, na praia de São Lourenço, e a luminosidade turva do Verão começa a desaparecer. Tiago Pires vem ter connosco de lambreta – o carro está arranjar, segundo entendemos – e por momentos parece-nos um miúdo. Está de calções e chinélos e os dentes da frente partidos, que teima em não arranjar, ajudam a compor a imagem. Mas engana-se quem lhe tira essa pinta porque, aos 32 anos, Saca é muito diferente daquele que em 2008 entrou para o circuito mundial.

Conta-nos que ficou irritado porque na gala das 7 Maravilhas – Praias de Portugal, iniciativa da qual é embaixador, chamaram-no ao palco como Diogo “Saca” Pires. A culpa foi dos responsáveis pelo teleponto. José Carlos Malato deu voz à gafe e Catarina Furtado corrigiu-o em directo para a televisão. Porque somos pela justiça, decidimos contactar o apresentador para apurar o que se passou na verdade.

Boa tarde, António Carlos Malato [o nome dele é José Carlos]? “Ai, António não! Isso não. José Carlos”, responde ao

telefone. Sabemos disso mas estamos a testá-lo, reagimos. Confrontado com a situação, o apresentador assume a culpa, apesar de a organização ser um bom bode expiatório. “Isso é vergonhoso e também é ignorância de quem o disse. Sei que é uma estupidez, mas não consigo decorar nomes. Mas isso não é desculpa, porque estou condenado. É o mesmo que convidarem-me para um lado qualquer e chamarem-me Mulato em vez de Malato. Não há nada pior que isso”, admite. “Por um lado, é mau isso estar escrito no teleponto, por outro lado sou uma besta e um ignorante por não saber o nome de um homem daquele tamanho, que já alcançou tantas coisas. É a mesma coisa que chamar a Simone de Oliveira ao palco e chamar-lhe Laranjeira.” A conversa acabou com Malato a pedir-nos o contacto de Saca para se desculpar pessoalmente.

De volta à conversa inicial, Tiago conta-nos que quando entrou na elite do surf mundial “vivía com uma ilusão na cabeça” e com a “ansiedade” de quem não sabe o que o espera. “Quando ambicionas muito uma coisa durante muitos anos, desde a tua adolescência, e finalmente consegues alcançá-la, vives, durante um período, emoções muito fortes dentro de ti. Tinha muitas expectativas na minha cabeça, não sabia como é que dali para a frente as coisas iam acontecer, como ia ser tratado, como é que iria ser reconhe-



cido pelos *media*, qual a reacção do país – tudo isso era um enigma. E sim, tinha algumas expectativas em relação a algumas coisas. Uma foram defraudadas, outras correspondidas”, explica. Com a rodagem, Tiago – actualmente em 24.º no ranking – sente-se hoje em dia muito menos ansioso e nervoso quando vai para dentro de água. “Já vivi vários momentos bons e maus dentro do circuito e isso tornou-me uma pessoa muito mais realista, acho eu. Já desmistifiquei um bocado o circuito, não sou a pessoa que vive ainda com sonhos na cabeça, a pensar que vai ser isto e aquilo ou sem saber o que vou ter pela frente”, argumenta.

SUPERTUBOS Que Peniche está enguiçado para Saca é ponto assente. E o que começa torto tarde ou nunca se endireita. Mas os que conhecem bem o surfista não negam a sua capacidade para dar a volta à situação e vir ao de cima quando menos se espera. “Supertubos é um campeonato especial. Gostaria de dizer que é um campeonato como os outros todos, mas não é. Tenho na minha cabeça a mania de transformá-lo num cam-

peonato especial e acaba por ser mais complicado para mim”, confessa Tiago. “Em Portugal, dos campeonatos do mundo em que participei nunca sofri tanto em termos logísticos como sofri em Peniche, porque me deparei com várias situações que têm a ver com a organização daquele campeonato que são desgastantes e que podiam não acontecer. Em Portugal as coisas nunca são simples. Há sempre uma complicação extra.”

A prova começou oficialmente na quarta-feira, estamos no fim-de-semana e é provável que ainda não lhe tenha posto a vista em cima. Isto porque, passados vários anos, decidiu mudar de estratégia. “Já tenho um plano traçado. Vou ter de ter alguém para se ocupar do meu carro. E vou ter de ir no dia anterior à prova para começar a perceber como é que a estrutura está montada.” A ideia é encontrar um circuito paralelo para entrar e sair da arena.

“O que é que acontece nos outros desportos?”, questiona. “Os atletas nem vêem as pessoas. Vão directos do balneário para o torneio e, se quiserem, quando a competição acaba, podem dizer adeus,

assinar um autógrafa ou outra coisa parecida. No surf estamos muito mais próximos do público e em Peniche sofro muito com isso.” É uma “situação delicada”, mas se Tiago conseguir geri-la de outra forma e passar baterias, toda a energia do público estará do seu lado.

Esta etapa do circuito causa-lhe “um bloqueio mental” que o inibe de fazer aquilo que sabe. “Em termos de surf e técnica, como é que me posso preparar para Peniche? As ondas de Supertubos, conheço. Eu e toda a gente, porque são ondas de grande qualidade mas muito simples em termos de conhecimento. Chegas e no próprio dia consegues perceber bem como é que a onda funciona. Isso é um ponto. Está fechado.” O resto, ou seja, ser o único representante português, haver muitas pessoas que se dirigem ao evento só para o ver, existirem patrocinadores seus envolvidos no campeonato e a imprensa sempre à perna, é o que lhe faz aumentar a ansiedade. Mas, da mesma forma que este ano, na etapa do Rio de Janeiro, ficou em quinto lugar quando tudo parecia estar a alinhar-se para um mau resultado, Saca afirma que “a resolução de tudo isto pode ser muito simples, se for ultrapassada”. “Em Peniche, até agora nunca me consegui divertir, nunca senti que estava a passar um bom momento. E é isso que tenho de alcançar lá. Mas vou com dúvidas”, confessa.

SINDICALISTA Interessado no que se passa atrás dos bastidores, Saca foi convidado para ser uma das caras da World Pro Surfers (WPS), associação ou “sindicato” dos surfistas. “Represento a Europa e estou dentro dos emails internos que vão surgindo. Por isso fiquei a conhecer muito mais os problemas e como as coisas funcionam dentro da ASP [Association of Surfing Professionals]”, explica.

“As pessoas desconhecem o esforço que os surfistas fazem, principalmente porque a WPS é composta por todos os sur-

01 Saca define-se como “um surfista imprevisível” e como “um underdog de quem ninguém fala mas que chegou ao topo”

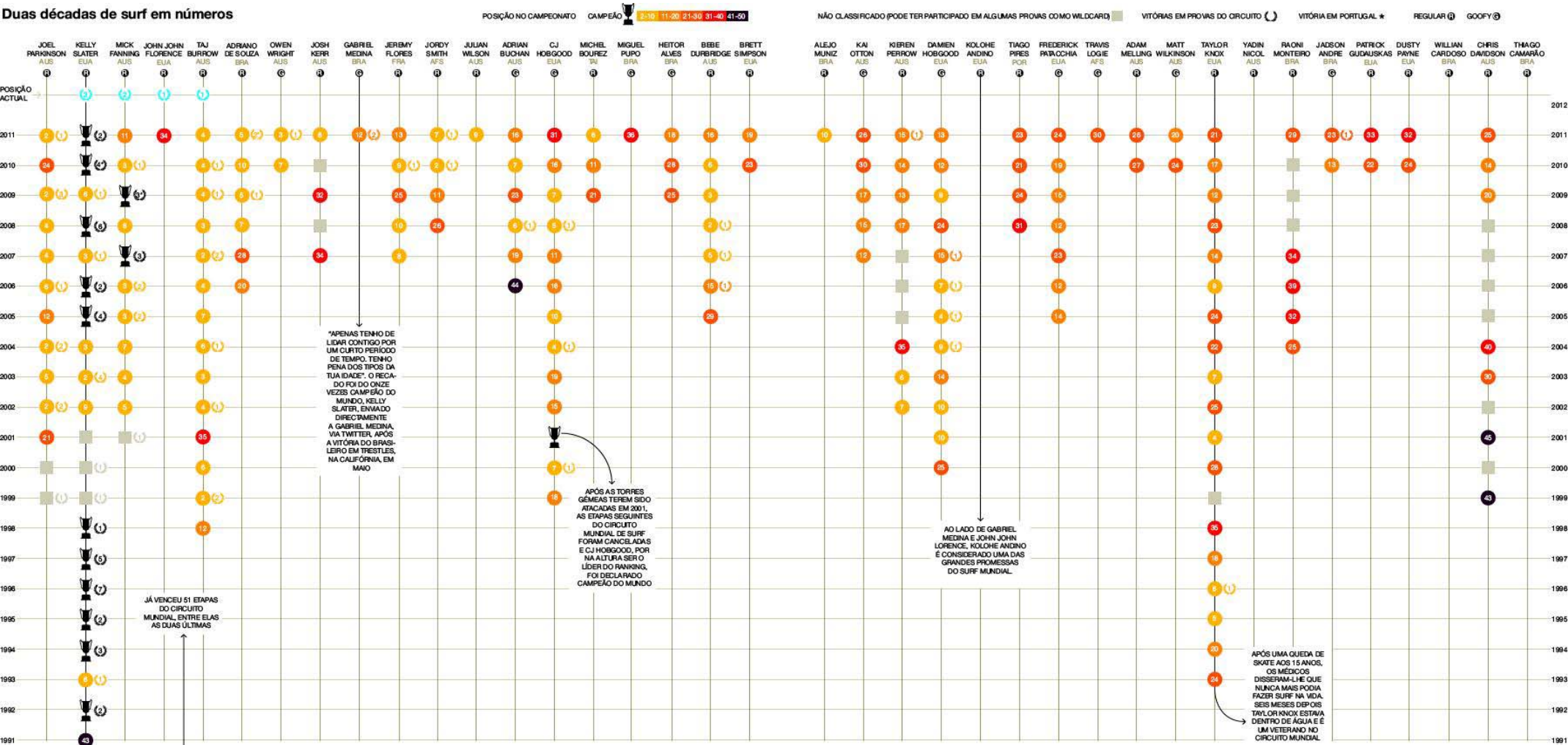
02 Nos Açores antes de ser eliminado pelo norte-americano Nat Young, que já se encontra classificado para o circuito em 2013. Após a derrota, saiu da ilha de São Miguel directamente para a gala das 7 Maravilhas – Praias de Portugal

03 Tiago em Peniche, hiper-solicitado pelos fãs. Atrás, Gabriel Medina ou um dos mais recentes fenómenos do surf mundial livre, leve e solto

fistas do WCT, que pagam à WPS, que tem um website, uma equipa e uma pessoa que se desloca aos campeonatos para ver se tudo dentro da área dos competidores está bem feito, se se encontra conforme os protocolos... Em todos os campeonatos parte do nosso prize money vai para a WPS e penso que as pessoas não têm noção das coisas que fazemos para tentar salvaguardar ou melhorar o surf profissional. Claro que isso acontece em todos os desportos, há sempre um sindicato de atletas que tenta zelar pelo bem do desporto, mas para nós é difícil, porque a própria ASP, da forma como está estruturada, não é a melhor. A ASP é uma entidade independente sem fins lucrativos e acaba por estar dependente das marcas que patrocinam o circuito, que fazem campeonatos e que fazem parte do quadro da ASP. Ou seja, não é independente porque por vezes acaba por ser um pouco manipulada.” Para Tiago, há coisas em que os surfistas não podem ceder, há “reivindicações” que têm de ser feitas, detalhes a ser melhorados. “Há inúmeras coisas que já conseguimos mudar. Por exemplo, a ASP queria reduzir ainda mais o número de surfistas. E nós juntámo-nos e dissemos: “Não, isto não vai mudar mais”. Outra foi o aumento dos prize money.

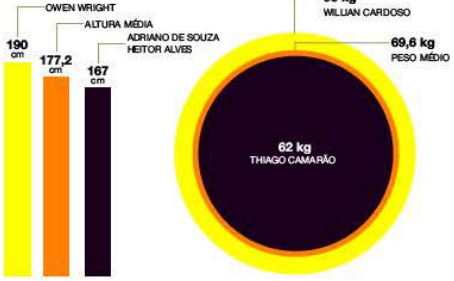
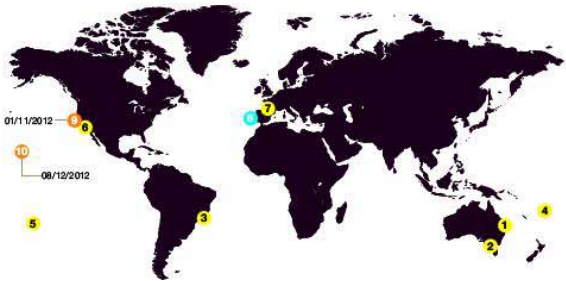
Em tempos de medidas de austeridade e nacionalismos exacerbados por toda a Europa, um bom resultado de Saca em Supertubos seria bom para animar a malta. Por isso, façamos um trabalho de equipa para que ao menos a festa seja de quem joga em casa. Tiago foi sempre um miúdo reservado. Se o admira, aceite-o como ele é. E isso passa por compreender a sua natureza. Ele já explicou o quão difícil é gerir a tensão e a ansiedade que Peniche lhe provoca. Grite, assobie e puxe por ele quando estiver dentro de água; deixe-o sossegado, a concentrar-se em terra. Saca é o único português na elite mundial, por isso (e nisto nunca fomos muito bons) tudo a valorizar o que é nosso.

Duas décadas de surf em números



CALENDÁRIO DO MUNDIAL

LOCAL	PAÍS	VENCEDOR
1. GOLD COAST	AUSTRÁLIA	TAJ BURROW
2. BELLS BEACH	AUSTRÁLIA	MICK FANNING
3. RIO DE JANEIRO	BRASIL	JOHN JOHN FLORENCE
4. TAIPIHUA/MAMOTU	FUJI	KELLY SLATER
5. TAIHUPPOO/TAIRAPU	POLINÉSIA FRANCESA	MICK FANNING
6. TRESTLES	ESTADOS UNIDOS	KELLY SLATER
7. HOSSEGOR	FRANÇA	KELLY SLATER
8. PENICHE	PORTUGAL	
9. SANTA CRUZ	ESTADOS UNIDOS	
10. PIPELINE/OAHU	HAWAII	



PETER COLE. “ESTE ‘HYPE’ TODO À VOLTA DO SURF TIRA-ME A PICA”

Um dos mais velhos surfistas de ondas grandes do mundo em Lisboa ou a reportagem mais improvável desta edição. Senhoras e senhores, aqui está Peter Cole, a lenda viva havaiana

SARA SANZ PINTO
sara.pinto@online.pt

Queres entrar no do Mosteiro dos Jerónimos para ver como é? “Eu? Não. Não posso.” Porque? “Sinto-me culpado [risos].” Então? Pareces ser da equipa dos bons. “Pois, mas não acredito em Deus. A Sally é que é muito religiosa, vai lá à igreja dela todos os domingos.” Peter Cole é assim. Aos 82 anos exibe, além de um sentido de humor refinado, uma lucidez de fazer inveja a muita gente.

Considerado uma das lendas vivas do surf havaiano, Peter meteu na cabeça, depois de o ter conhecido no fim de 2010, que tinha de vir a Portugal. “Que engraçado, andava a pensar em ti há uma semana, não tinha maneira de te contactar e agora apareces-me à porta de casa”, disse-me o ano passado quando fui ter com ele a Rocky Point, na ilha de Oahu. Desorganizado, perdeu os meus contactos e queria falar comigo sobre a viagem. “Sabes, eu e a Sally estamos a pensar ir a França e achámos que seria boa ideia pararmos em Lisboa e visitar-te. O que achas?” Ofereci-me para servir de guia turístico e o casal gostou da ideia.

Peter anda preocupado com a campanha presidencial nos Estados Unidos e logo de manhã pergunta-me se podemos passar num quiosque para comprar um jornal norte-americano e inteirar-se da situação. Estamos a 19 de Setembro e o rival de Obama volta encher as capas dos jornais com a enésima trambolice. Numa gravação secreta divulgada pela “Mother Jones”, Romney classificou 47% do eleitorado dos EUA como um bando de “penetras” que “acreditam que são umas vítimas” e que “o governo tem a responsabilidade de cuidar deles” ape-

sar de “não pagarem impostos”. “Isto é bom! Aliás, tudo o que o fizer perder as eleições é bom”, afirma.

Enquanto em duas trincas avia um pastel de Belém e repete a dose, diz-me que se dependesse dele enfiava os republicanos todos numa ilha deserta bem longe do país. “O Romney é tão burro que só se aguentou um ano em Stanford”, conta-me. A referência faz sentido, ou não tivesse Cole estudado na conceituada universidade californiana. Nascido em Santa Mónica, mudou-se para o Havai no início dos anos 60 para dar aulas de Matemática e Natação na Punahou School – a melhor escola da ilha, onde Barack Obama estudou. Entre 1974 e 2004 concebeu e desenvolveu software para a Pacific and Command Headquarters em Honolulu – Camp Smith, como também é conhecida a maior sede do Departamento de Defesa norte-americano daquele lado do mundo. De 1975 a 1989 ensinou várias disciplinas na University of Southern California, como por exemplo Estratégias e Gestão de Sistemas.

NATAÇÃO E CARREIRINHAS Peter já não faz surf porque a extracção do cancro da garganta que teve em 2006 deixou-o lesionado no trapézio direito, impedindo-o de remar como antigamente. Mas nada no mar todos os dias e faz bodysurf. Quando lhe digo que no dia seguinte lhe vou mostrar as nossas praias pergunta-me se deve levar os calções de banho para fazer umas carreirinhas. Não se ria, porque este senhor brinca em condições com que muitos nem se atreveriam a molhar o pé. Acima de tudo, gosta de estar de molho, “no oceano”, como costuma dizer, e o estilo de vida parece estar a funcionar – está mais do que bem conservado.



01

Na praia da Adraga, em Sintra, senta-se na esplanada e pede uma sopa de peixe. Fica fascinado com o pão (nos Estados Unidos é tão processado que mais parece bolo) e com o mar. “Bem, vocês têm ondas boas aqui. Estou impressionado, nunca pensei. Devia ter trazido os meus calções.” Minha gente, a ondulação era de dois metros.

Com uma certa queda para as artes – as paredes da casa de Peter estão forradas de quadros e desenhos, alguns da autoria de Cole (e de facto tem mesmo jeito), outros de um dos filhos e de amigos – é 14 anos mais velho que a mulher, Sally. Conheceram-se através do irmão dela, colega de Peter na escola em Honolulu. “A primeira vez que fomos jantar fora “on a date” bebemos duas canecas de cerveja gigantes cada um”, recorda, enquanto prova uma das nossas e diz que é muito boa.

Peter tinha um irmão gémeo, Cornelius Cole, que morreu o ano passado. “Graças a Deus não fui o primeiro a nascer, senão tinham-me dado esse nome horrível em homenagem ao meu bisavô”, conta. O primeiro Cornelius Cole, republicano “do tempo em que o partido era muito diferente”, cumpriu um único mandato na Câmara dos Repre-

sentantes dos EUA pelo estado da Califórnia (1863-1865) e um outro no Senado (1867-1873). Antes de ingressar na política, o bisavô de Peter fundou o jornal “Daily California Times”, que apenas durou alguns meses.

Enquanto fazemos a marginal até ao cabo da Roca, o surfista havaiano vestido a rigor com uma camisa às flores, defende que para ele a protecção, a segurança, a saúde e a educação deviam ser asseguradas pelo Estado e lamenta o actual sistema, que beneficia sempre os ricos e prejudica os pobres. “As pessoas hoje em dia vivem sempre com medo e a medo”, observa, angustiado com o estado das coisas. Na ponta mais ocidental da Europa ficou fascinado com a nossa costa, descrevendo-a como “a mais dinâmica” que alguma vez viu e muito parecida com o Norte da Califórnia.

VIRGEM VS. BALANÇA Um dos mais velhos surfistas de ondas grandes do mundo, Cole vive há 44 anos com Sally, também ela professora reformada. Diz-me que é ultra-perfeccionista e sem ela nunca saberia onde está nada. Anda a tentar perceber se é uma característica das mulheres do signo Virgem. “Qual é o teu signo?”, pergunto-lhe. “Balança, mas não entendo nada de

astrologia.” Li que andam sempre à procura de um equilíbrio mas nunca o encontram, digo-lhe. “Ah, então isso sou eu.”

Ao contrário de Peter, Sally anda com dois mapas e nunca perde a orientação. No Castelo da Pena testo a sua perspicácia e pergunto-lhe de que lado cresce o musgo nas árvores. “Norte”, responde, enquanto Cole está fascinado com a complexidade arquitectónica e estilística do monumento. Por vezes imprevisível, conta-me que está a pensar como seria bom ter nascido no século XVII ou XVIII para ter podido surfar sem ninguém dentro água. Descontente com o sentido da evolução do desporto, sente que há muita gente a perder-se pelo ego. Dos surfistas do circuito mundial, gosta muito de John John Florence, seu vizinho e em tempos aluno de Sally, por ser “um miúdo calmo e muito humilde”, de Kelly Slater, por ser muito inteligente, e de Gabriel Medina, por ser um fora de série, embora não o conheça pessoalmente.

“Ainda não acredito que conseguiram construir tudo isto no topo da montanha”, observa, enquanto está preocupado em decorar as primeiras zonas do palácio a serem construídas e as últimas. “Sally, devíamos comprar tudo isto”, afirma em jeito de brincadeira. “Ah, sim?



02

01 Tem 82 anos e mudou-se para a ilha de Oahu, no Havai, no início dos anos 60 para dar aulas de Natação e Matemática. Por lá ficou... e é um dos mais velhos surfistas de ondas grandes do mundo

02 Peter Cole no seu habitat natural. Por ser extremamente supersticioso, surfava sempre de t-shirt branca, calções encarnados e prancha amarela. “Um dia apanhei umas ondas incríveis assim e a partir de então comecei a surfar só com esta combinação”

Pede ao Romney”, responde a mulher, entretida a tirar fotografias. “Olha, não seria má ideia os republicanos enfiarem-se todos aqui”, reage o surfista. “Sabes aquele autocolante do Eddie Aikau [surfista havaiano de ondas grandes que morreu no mar] que diz ‘Eddie would go’? Sempre quis fazer um a dizer ‘Sally would know’.” Ela sabe sempre quase tudo e tem um ar meio europeu.”

Educado, sensível e (desta não estávamos à espera) supersticioso, Cole nunca gostou muito daqueles picos famosos, como Pipeline ou Backdoor. A sua figura imponente (dois metros de altura) prejudicou-o na agilidade necessária para surfar aquele género de ondas. “Prefiro as mais pesadas, como Sunset Beach ou Waimea. Não sou propriamente um tipo levezinho com facilidade em dar aéreos”, esclarece com humor. Questionado sobre a maior onda que alguma vez surfou, Cole é vago, como quem não dá muita importância a essas picardias. “Acho que tinha nove metros (medidos de trás, o que de frente equivale quase ao dobro do tamanho)”, responde sorrindo e encolhendo os ombros. Detesta computadores desde que se reformou e raramente vai à caixa de email. A Sally faz.

A visita do havaiano acabou nas Azenhas do Mar. Para cumprirmos o ritual da terra dele, sentámo-nos à beira-mar a beber uma cerveja e a ver o pôr do Sol. No regresso ao hotel, em Lisboa, adorei-me no carro, pouco adequado às suas medidas, e só acordou quando o vi pelo retrovisor a cair para o lado lentamente, após inúmeras ameaças. “Quando vais ao Havai?”, perguntou-me, já mais despedido, mas com um ar moido do programa turístico intenso. “Em Novembro”, respondi-lhe. “Então livra-te de não passares lá em casa.” Aloha!

ENERGIAS RENOVÁVEIS. NEM SÓ O SURF VIVE DE BOAS ONDAS

Chama-se WaveRoller, tem tecnologia finlandesa e foi quase totalmente construído em Portugal. Custou cinco milhões de euros e já está no fundo das águas da Almagreira, em Peniche.

ISABEL TAVARES
isabel.tavares@ionline.pt

O WaveRoller2 já está fundeado no mar e, como um surfista, espera agora as ondas certas para mostrar o que vale e convencer investidores a entrar no negócio. Até aqui está tudo a 100% e os resultados são satisfatórios.

O objectivo é aproveitar o movimento horizontal das ondas a baixa profundidade para produzir energia, cerca de 100 kW – o suficiente para as necessidades básicas de dez habitações. Se tudo correr bem, dentro de um ou dois anos, 30 a 40 casas poderão beneficiar deste sistema.

A tecnologia é finlandesa, mas, com excepção das três casas de máquinas, toda a construção – em aço e fibra de vidro –, foi feita em Portugal, nos Estaleiros Navais de Peniche.

Este é o segundo protótipo a ser instalado no fundo do mar (o primeiro teste à escala real foi realizado na Escócia e em Portugal em 2007), pela AW-Energy, proprietária da patente WaveRoller e fundada há dez anos para investir em investigação e desenvolvimento na energia das ondas.

Este projecto, financiado pela União Europeia no âmbito do SURGE – Simple Underwater Renewable Generation of Electricity, integra ainda oito outras instituições: Encóclia, Câmara de Peniche, WavEC – Centro de Energia das Ondas e Instituto Hidrográfico (Portugal), Multimar e ABB (Finlândia), Bosch Rexroth (Alemanha) e Instituut voor Infrastructuur, Innovatie en Milieu (Bélgica).

Os investidores são essenciais para o desenvolvimento do projecto, embora o custo do mesmo vá baixando à medida

que forem aumentando o número de asas – a actual plataforma tem três pás e a possibilidade de passar para cinco, aumentando a capacidade de produção de energia quase para o dobro. Cada uma tem 42 metros de comprimento e 16 de largura.

Até agora foram necessários 8 milhões de euros – 3 milhões co-financiados –, para pagar o projecto, que envolveu perto de 15 pessoas a tempo inteiro (30 na época em que foi necessário construir a estrutura).

A participação portuguesa abrangeu também a parte de engenharia e muitas das soluções tecnológicas foram discutidas em conjunto com a AW-Energy, como por exemplo a estrutura e a forma de a produzir nos Estaleiros Navais de Peniche, explicou ao i o responsável português pelo WaveRoller, Brian Curto.

Todos os trabalhos de montagem e

preparação de fixação da estrutura ao fundo do mar, um dos principais receios da equipa portuguesa, ficaram a cargo dos estaleiros de Peniche. A empresa portuguesa tem participado na execução de diversos projectos relacionados com as energias offshore e near-shore, tornando-se incontornáveis enquanto apoio logístico para outros projectos desta natureza que venham a instalar-se em Portugal.

A perspectiva de êxito deste equipamento, versão pré-comercial, levou os promotores a iniciar o desenvolvimento de uma versão comercial, com instalação prevista para 2013.

O presidente da Câmara Municipal de Peniche, António José Correia, admite a hipótese de os estaleiros virem a “desenvolver ainda mais estruturas, umas para serem colocadas no mesmo local, outras para serem adquiridas por outros países”.

CLUSTER Peniche quer ver reconhecidas as actividades ligadas ao mar enquanto estratégia de eficiência colectiva e está a candidatar-se ao cluster Conhecimento e Economia do Mar, um projecto co-financiado pelo QREN, no âmbito do Programa Operacional Factores de Competitividade e da União Europeia, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

A candidatura consiste na criação de sinergias e de objectivos comuns através da coordenação de vários projectos, ainda em fase embrionária ou já em desenvolvimento, em áreas tão diversas como a pesca, a aquacultura, a construção e reparação naval, a biotecnologia, os transportes, o turismo, o desporto, as



Brian Curto é o responsável dos Estaleiros Navais de Peniche pelo WaveRoller

Manuel Ferreira



Manuel Ferreira

P&R

Brian Curto

Responsável pela equipa de construção do WaveRoller nos estaleiros

“A nossa qualidade é igual ou superior à dos finlandeses”

Quando a encomenda do WaveRoller chegou a Portugal instalaram-se dúvidas sobre a capacidade técnica dos Estaleiros Navais de Peniche. Afinal tudo não passou do peso da responsabilidade, já que todos os parceiros do projecto ficaram satisfeitos com o resultado final.

Como foi, quando chegou a notícia de que iriam construir e montar o WaveRoller, ou pelo menos parte dele? No início ficámos cheios de receio, quando subimos que iríamos construir três blocos, mas quando chegou o bloco da Finlândia concluímos que a nossa qualidade é igual ou superior à deles. Temos pessoal muito qualificado, soldadores certificados. Correu muito bem.

Existem mais projectos destes na calha? Temos em vista pequenos projectos que têm a ver com células de hidrogénio e poderemos vir a construir mais estruturas como a do WaveRoller. Pelo menos esse é o objectivo, embora não existam contratos concretos.

Numa altura em que se fala de crise por todos os estaleiros navais da Europa, que encomendas têm tido os estaleiros de Peniche? Estamos a fazer duas embarcações de 16,5 metros para Angola – barcos de trabalho, para assistência a embarcações de pesca –, e temos uma doca flutuante gigantesca – para reparar navios ao longo da costa –, cerca de 55 metros por 25 metros, a sair para Luanda. Mas é muito pouco.

PUB

INSCREVA-SE ON-LINE A PARTIR DE

4,40 /SEMANA

WWW.FITNESSHUT.PT

ARREFEÇA LÁ FORA AQUEÇA NO “HUT”

GINÁSIOS PREMIUM A PREÇOS LOW-COST

FITNESS HUT GINÁSIO

#EUROHA AMOREIRAS, ARCO DO CEGO CASCAIS #PORTO TRINDADE

OPINIÃO



O surf como take-off para o desenvolvimento

ANTÓNIO JOSÉ CORREIA

NUNCA SE FALOU TANTO na importância que o mar pode assumir para o desenvolvimento e a criação de riqueza a nível nacional como nos tempos que correm. É certo que não é um tema novo, antes pelo contrário, mas fruto dos actuais constrangimentos económico-financeiros a que a sociedade portuguesa está sujeita, urge definitivamente olhar para o mar por forma a explorá-lo de modo sustentável. O mar é um potencial endógeno de alguns municípios portugueses que, aliado a abordagens modernas e inovadoras, poderá assumir um papel de forte alavancagem para o seu desenvolvimento. As mudanças de paradigma de desenvolvimento local baseiam-se, entre outras coisas, na alteração de políticas de exploração dos seus recursos endógenos e diferenciadores, por forma a criar e distribuir riqueza, assim como a promover a inclusão social e o desenvolvimento sustentável. No que a Peniche diz respeito, um dos seus recursos endógenos e diferenciadores são as ondas, nas quais se baseia um dos vectores de desenvolvimento do seu plano estratégico. O aproveitamento deste recurso através da aposta no surf tem-se revelado extremamente positiva para Peniche a diversos níveis, nomeadamente imagem de marca, promoção e notoriedade, aumento da atractividade e do crescimento económico. Peniche é amplamente reconhecido como a Capital da Onda, possui o primeiro centro de alto rendimento dedicado ao surf, é o local de eleição de uma das etapas do circuito mundial de surf (WCT) – Rip Curl Pro Portugal e o destino de milhares de consumidores nacionais e internacionais do Turismo de surf. Toda esta dinâmica tem arrastado investimentos em torno da indústria do surf, materializados na construção de infra-estruturas de alojamento e produção de equipamento desportivo. Em suma, e tendo por base o exemplo de Peniche, o surf pode assumir-se como o 'taking off' para o desenvolvimento dos territórios.

Tasca do Joel
Rua do Lapadução, 73, Peniche
Entramos noutra nível. Aqui come-se e bebe-se com tempo e com vontade, especialmente carne (ou pratos abacalhados). Leve a família (ou mesmo um amigo, porque vai ter de abrir uma garrafa de vinho).

Restaurante do Parque

Avenida 25 de Abril, Peniche
Parque o Baluarte
No jardim da cidade, junto à escola secundária, a especialidade está obviamente nos peixes. Aproveite a sopa dos ditos.

Nau dos Corvos

Cabo Carvoeiro
A cozinha é gourmet e apresenta uma mistura entre a gastronomia internacional e as raízes tradicionais. Entre as especialidades estão a parilhada de marisco e o robalo assado em crosta de sal.

Marisqueira Mirandum

Rua dos Heróis do Ultramar

Além da praia do Carreiro do Mosteiro, nas Berlengas, existe um bairro de pescadores, um espaço para acampar, alguns restaurantes e o forte, que aceita reservas de quartos



Foto: Cunha-Lacer

PENICHE. O NOSSO GUIA PARA UNS DIAS EM GRANDE

Onde comer, dormir e surfar na cidade conhecida pela excelência do seu mar e das suas ondas.

ONDE COMER

O Outro

Rua D. Luís Ataíde, 4, Peniche
Para a malta do surf, que gasta tudo em pranchas e fatos e não pode entrar em extravagâncias. O Luís tem um menu rápido e acessível e boas pizzas!

Existe há 31 anos e começou por ser uma churrasqueira. Hoje a especialidade deste restaurante é o marisco. O pequeno espaço e o ambiente familiar fazem deste local uma boa escolha.

Mãe D'Água

Rua 13 de Maio, 26, Sobral do Parelhão (Carvalhal)
A única proposta que lhe fazemos fora da cidade, junto à A8, para quando estiver a sair ou a chegar a Peniche. É a cozinha mais arrojada e feliz da zona, num espaço rural perfeito. E caro.

ONDE DORMIR

Hotel Pinhalmar ***

Na Marginal Sul, perto do cabo Carvoeiro, isolado.

Hotel Praia Norte ***

Na Avenida Monsenhor Manuel Bastos, à entrada de Peniche, junto à rotunda para o Baleal.

Hotel Soleil Peniche ***

Virado para a praia da Alfaroabeira, também a caminho do Baleal.

Marriot Praia D'El Rey *****

Na praia D'El Rey, luxo, onde dorme Kelly Slater (e joga golfe se tiver tempo).

P.S. Pela cidade, pode sempre recorrer ao mítico "Quatro, Chambre, Room, Zimmer".



58 SURF: A PORTA PARA AS MELHORES PRANCHAS DO MUNDO

A 58 Surf oferece um stock de mais de 600 pranchas. Entre novas, usadas, shortboards, retro, longboards, com pintura, sem pintura, de marcas nacionais, internacionais, mais conhecidas ou menos vistas. Será difícil que um surfista comum não encontre ali uma prancha que corresponda às suas necessidades.

A referência à quantidade e à diversidade de pranchas é incontornável quando falamos desta loja de surf, mas a oferta de fatos e acessórios técnicos não fica atrás. Perante a diversidade de material técnico, o aconselhamento especializado, de surfistas para surfistas, é um dos pontos fortes da 58 Surf.

Ao longo dos anos, manteve-se fiel àquilo que esteve na base da sua criação: oferecer a mais completa oferta de material técnico e uma seleção de roupa e calçado das melhores marcas de surf, apostando no serviço de qualidade como imagem de marca. Os produtos exclusivos têm sido também uma das apostas da loja, na procura permanente da diferenciação. E neste ponto encaixa-se a oferta de pranchas e roupa sob a marca 58 Surf, que apresenta como grande vantagem para o cliente a relação qualidade/preço.

A loja 58 Surf, criada em 2001 pelo surfista Ivo Nisa, situa-se na estrada principal que liga o Baleal a Peniche.

GANHE UMA CONSOLA XBOX 360 KINECT

LIGUE 760 30 21 10*

PASSATEMPO LOJAS GAME / JORNAL i



Lojas GAME

C.C. Rio Sul Shopping, Local 0046
Q1º Nova do Rio Judeu
Torre da Marinha - Seixal

C.C. Forum Coimbra, loja 9.44
Av. José Bonifácio de Andrade e Silva, 1
Q1º do Alameda, Vale Gerni
Plenário de Santa Clara

C.C. Colombo, Loja 8.175
Av. Lusitana
Carnide

C.C. Gaia Shopping, loja 47-B
Av. dos Descobrimentos, nº 548
Vila Nova de Gaia

C.C. Via Catarina, Loja 1.04
Rua Santa Catarina, nº 312 / 350
Porto

C.C. Estação Viana, Loja 1107
Av. Gen. Humberto Delgado, 101
Viana do Castelo

C.C. Maia Shopping, local 123
Lugar de Ardogos
Maia

C.C. Guimarães Shopping, local 107/108
Alameda Dr. Mariano Figueiro
Guimarães

C.C. Braga Parque, loja 1100
Rua Tomás Figueiredo
Q1º Congregados

C.C. Loures Shopping, loja 0.006
Av. das Descobertas, nº 90
Quinta do Infantado

C.C. Arrabida Shopping, loja 204
R. Manuel Moreira de Barros
Praceta Henrique Moreira

C.C. Forum Castelo Branco, loja 1.30
Lugar Cruz de Montalvão
Castelo Branco

C.C. 8ª Avenida, loja 0.018 A
Av. Dr. Ruiato Araújo, s/nº
S. João da Madeira

C.C. Algarve Shopping, Loja 0.106
Linha Park, Lote R, Fracção 2
Albufeira

C.C. Forum Barral, Loja 0.36
Rua Sora Zagora
Urbanização das Cordoarias

C.C. Forum Montijo, local 0.53
Rua da Azinheira
Almondeiro

C.C. Forum Almada, loja 1.126
Rua Henrique Mota
Almada

C.Comercial Mar Shopping, loja 6.108
Avenida Oscar Lopes (IKEA Matosinhos)
Leça da Palmeira

C.Comercial Palácio do Gato
Quinta de Alagos, local 007
Viseu

C.C. Forum Aveiro, local 2.30
Rua Batalhão de Caçadores Dez
Gloria

C.C. Forum Viseu, loja 2.24
Rua D. José da Cruz Moreira, P. 32
Viseu

C.C. Dolce Vita Tejo, Loja 1091
Avenida José Garófalo, nº 32
Casal da Mira

C.C. Espaço Guimarães, Loja 023
208 Quinta do Ardão
Silves

C.C. LeliraShopping, Loja 0.17
ESTRADA NACIONAL, Nº 1
Alto do Vieiro

C.C. Forum Sintra, Loja 0.73
IC 19, Alto do Forte

C.C. NorteShopping, Loja 0522
Serra Afonso, 105-117 Porto



*de 520 em 520 chamadas oferecemos uma consola Xbox360 4GB + um jogo Kinect Adventures. Custo de chamada 0.60€/IVA. Ao participar aceita as condições do regulamento disponível em www.online.pt. Para esclarecimentos ou envio de prémios por CTT contacto passatempo@online.pt.



CAPÍTULO PERFEITO 2013

CONFIRMADO
NOS SUPERTUBOS

Mais novidades brevemente capitulo perfeito.com